



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA, TURISMO E HUMANIDADES**

**Do espetáculo das arenas de futebol, os efeitos perversos
de uma paixão na cidade de São Paulo**

Fernando Seike Tamura

Sorocaba

2025

Fernando Seike Tamura

Do espetáculo das arenas de futebol, os efeitos perversos de uma paixão na cidade de São Paulo

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de
Geografia, Turismo e Humanidades da
Universidade Federal de São Carlos, como
requisito para obtenção do título de
Bacharel em Turismo

Orientadora: Profa. Dra. Vanda Aparecida
da Silva

Sorocaba
2025

Tamura, Fernando Seike

Do espetáculo das arenas de futebol, os efeitos perversos de uma paixão na cidade de São Paulo / Fernando Seike Tamura -- 2025.
68f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba
Orientador (a): Profa. Dra. Vanda Aparecida da Silva
Banca Examinadora: Prof. Dr. Cesar Alves Ferragi, Prof. Dr. José Eduardo de Salles Roselino
Bibliografia

1. Modernização do futebol. 2. Mercantilização do futebol. 3. Gentrificação nos estádios. I. Tamura, Fernando Seike. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano -
CRB/8 6979

Agradecimentos

Quero agradecer de coração aos meus pais, que se sacrificaram tanto para me dar essa chance. Sem o incentivo, apoio e confiança deles, principalmente quando eu mesmo duvidava de mim, eu não teria chegado até aqui. Aos meus irmãos, valeu demais pela parceria constante e por sempre me mostrarem o que é ser realmente irmão.

À minha orientadora, Profa. Dra. Vanda Aparecida da Silva, meu muito obrigado pelo apoio, paciência e por todas as dicas que fizeram meu trabalho ganhar vida. Sem ela, esse capítulo da minha vida não teria sido encerrado.

Ao Prof. Dr. Cesar Alves Ferragi, sou imensamente grato pelo incentivo em encontrar meu tema e por estimular a busca por uma pesquisa que realmente me motivasse.

Ao Prof. Dr. José Eduardo de Salles Roselino, agradeço por aceitar fazer parte da minha banca e compartilhar essa paixão pelo futebol comigo.

Aos meus amigos, obrigado por dividirem tantos momentos inesquecíveis e por todo o apoio nesses anos. Em especial, um agradecimento especial à Carolina, que esteve ao meu lado em todos os momentos, e à Mariana, pela parceria e por todas as histórias que vivemos juntos.

E, por fim, obrigado a todos os professores que passaram pela minha vida. Cada um de vocês deixou uma marca especial nessa jornada.

Resumo

Este trabalho busca entender como a modernização e mercantilização do futebol tem contribuído para a gentrificação dos estádios, impactando a presença e a experiência dos torcedores. As transformações estruturais e mercadológicas do esporte tornaram o acesso mais elitizado, afastando as camadas populares e enfraquecendo a identidade cultural das arquibancadas. A partir de um resgate histórico, o estudo reflete sobre como o futebol, que sempre foi do povo, está se tornando um produto de luxo, e o que isso significa para a sociedade e para a relação afetiva com o esporte. Nas considerações finais, conclui-se que a modernização desenfreada do esporte afasta seu principal protagonista, o torcedor, tornando essencial refletir sobre os rumos que estamos dando ao futebol.

Palavras chaves: arenas de futebol; gentrificação; experiência; elitização; São Paulo-SP

Abstract

This work aims to understand how the modernization and commodification of football has contributed to the gentrification of stadiums, impacting the presence and experience of fans. The sport's structural and market transformations have made access more elitist, pushing away popular social groups and weakening the cultural identity of the stands. Through a historical overview, the study reflects on how football, which has always belonged to the people, is becoming a luxury product, and what this means for society and the emotional connection with the sport. In the final considerations, it is concluded that the rampant modernization of the sport alienates its main protagonist, the fan, making it essential to reflect on the direction in which we are taking football.

Key words: football arenas; gentrification; experience; elitization; São Paulo-SP

LISTA DE SIGLAS

BBC - Corporação Britânica de Radiodifusão

CBD - Confederação Brasileira de Desportos

CBF - Confederação Brasileira de Futebol

CND - Conselho Nacional de Desportos

ESPN - Rede de Programação de Entretenimento e Esportes

FGV - Fundação Getulio Vargas

FIFA - Federação Internacional de Futebol

GE - Globo Esporte

SAF - Sociedade Anônima do Futebol

UEFA - União das Associações Europeias de Futebol

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. METODOLOGIA.....	11
3. HISTÓRIA DO FUTEBOL.....	12
4. O FUTEBOL NO BRASIL.....	15
4.1. TORCIDAS ORGANIZADAS NO ESTADO DE SÃO PAULO.....	19
4.2. TRAGÉDIAS DO FUTEBOL.....	22
4.3. MODERNIZAÇÃO DO FUTEBOL BRASILEIRO.....	27
5. MEGA EVENTOS, MODERNIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS DOS ESTÁDIOS E OS TORCEDORES CONSUMISTAS.....	30
5.1. GENTRIFICAÇÃO DO FUTEBOL.....	43
5.2. FINANCEIRIZAÇÃO E “SPORTWASHING” NO FUTEBOL.....	49
5.2.1. A RELAÇÃO ENTRE CUSTO TORCEDOR E A RENDA SALARIAL DOS FREQÜENTADORES.....	53
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	60

1.INTRODUÇÃO

Nick Hornby, em seu livro *Febre de Bola* (2013), descreve o futebol como uma paixão irresistível, algo que nos prende mesmo sabendo de seus possíveis efeitos negativos. Eduardo Galeano, em *Futebol ao Sol e à Sombra* (2010), ao mencionar a vitória olímpica do Uruguai, destaca como o futebol tem o poder de elevar pessoas comuns a um status histórico e colocar nações no cenário global: “o futebol tirou esse pequeno país do anonimato universal”. O futebol é, de fato, um espaço de grandes histórias, de heróis improváveis e um microcosmo da sociedade em si.

Este trabalho nasce dessa conexão afetiva, mas também de uma inquietação: como o futebol, que sempre foi um esporte popular, transformou-se ao longo do tempo. Para entender isso, mergulharei na história do futebol, desde suas origens até sua chegada ao Brasil, onde se tornou muito mais do que um esporte – uma verdadeira expressão cultural. O foco principal, porém, será a modernização do futebol brasileiro e as consequências que ela traz para seu principal ator: o torcedor. Afinal, o que estamos ganhando – e o que estamos perdendo – com arenas modernas, ingressos caros e um futebol cada vez mais voltado para o lucro?

Pierre Bourdieu (1979), em seu livro, *A Distinção: crítica social do julgamento*, define o capital cultural como um conjunto de conhecimentos, habilidades, gostos e disposições que uma pessoa adquire ao longo da vida, principalmente por meio da família e da educação. O futebol é um exemplo clássico de capital cultural transmitido de geração em geração, principalmente no ambiente familiar. Desde cedo, os pais influenciam os filhos a torcerem para seus times, criando uma identidade que vai muito além do esporte – é uma herança afetiva, uma forma de se conectar com as raízes e a história da família. No entanto, essa dinâmica também reflete desigualdades. Ao observar os torcedores que frequentam os estádios, é possível perceber como o acesso ao esporte está cada vez mais condicionado ao capital econômico e cultural, especialmente com a modernização das arenas e o aumento dos preços dos ingressos (Santos, 2017). Assim, o futebol, que antes era um espaço de união e democratização, hoje também se torna um campo de distinção social, onde nem todos têm o mesmo direito de participar.

Além disso, o direito ao lazer é garantido constitucionalmente no Brasil. Conforme o artigo 6º da Constituição Federal (Brasil, 1988), o lazer integra o rol dos direitos sociais fundamentais, ao lado de direitos como educação, saúde e moradia. Essa proteção não apenas reconhece o lazer como um espaço de descanso e recreação, mas também o valoriza como um meio essencial para a promoção da cidadania, da inclusão social e do desenvolvimento cultural. Em outras palavras, enquanto o futebol – como herança afetiva e capital cultural – pode evidenciar desigualdades no acesso devido a barreiras econômicas, o direito ao lazer impõe ao Estado a responsabilidade de criar condições para que todos possam participar de atividades que promovam a qualidade de vida e a integração social.

Assim, este trabalho tem como foco os estádios e arenas de futebol na cidade de São Paulo, com ênfase no Allianz Parque, casa do Palmeiras¹. Como o maior centro urbano do Brasil, São Paulo é um cenário privilegiado para observar as transformações que vêm impactando o futebol e, principalmente, o modo de torcer. A modernização do esporte, com a construção de arenas como o Allianz Parque, trouxe mudanças significativas na relação entre os clubes e seus torcedores, refletindo dinâmicas sociais e culturais que merecem ser analisadas. Ao estudar esses espaços, pretendo compreender como essas transformações podem afetar a experiência do torcedor e o que isso revela sobre as desigualdades e distinções no futebol contemporâneo.

Nesta direção, e sob um viés social, o presente trabalho de conclusão de curso se dedica em olhar o futebol abordando os efeitos da elitização e da modernização que este tem vivido (Santos, 2014). Tal esporte, situado no contexto das atividades de massa, foi considerado um esporte popular e acessível até as últimas décadas, porém, nos últimos anos, ele passou por transformações que afetaram diretamente a maneira pela qual as classes populares participam e são representadas. A elitização do futebol refere-se ao aumento das entradas para os espetáculos, à construção de modernos palácios esportivos com infraestrutura desenvolvida e ao marketing intensivo.

¹ A Sociedade Esportiva Palmeiras foi fundada em 26 de agosto de 1914 como Palestra Itália por imigrantes italianos em São Paulo. Atualmente, a presidente do clube é Leila Mejdalani Pereira, que iniciou seu primeiro mandato em 15 de dezembro de 2021 e foi reeleita para um segundo mandato que começou em 15 de dezembro de 2024.

Este fenômeno pode levar à exclusão de torcedores de longa data, cujo poder de compra é, muitas vezes, menor, e a uma mudança no perfil dos espectadores dos estádios. Por outro lado, a modernização do futebol, impulsionada pelo progresso tecnológico e pela globalização, trouxe inovações que afetam a experiência dos torcedores, tanto nos estádios como fora deles. A transmissão dos jogos em alta definição, a utilização das redes sociais para engajamento e a presença de patrocinadores internacionais são alguns dos elementos que formam a nova cara do futebol moderno.

Neste sentido, e para compreender este cenário mais recente do futebol, este estudo analisa como essas mudanças redefinem o espaço ocupado pelo setor popular da sociedade, nos estádios e nas celebrações esportivas. E, ao mesmo tempo, procura tratar de alguns elementos que sinalizam para uma mudança na cultura dos torcedores, desdobrando-se em novos desafios que os adeptos tradicionais enfrentam; assim como, coloca uma indagação que diz respeito ao como o futebol pode continuar a ser um elemento de coesão social no meio destas mudanças? Compreendendo estes aspectos, esperamos contribuir para um debate mais amplo sobre a democratização do acesso ao futebol e o papel deste desse esporte como patrimônio cultural inestimável. O patrimônio cultural refere-se ao conjunto de bens materiais e imateriais que representam a identidade, a memória e a história que foram construídas por uma sociedade (Zanirato; Ribeiro, 2006). A manifestação do futebol como parte da diversidade cultural do país é essencial para compreender a cultura brasileira em sua totalidade.

Para cumprir o propósito deste trabalho foi feito uma revisão bibliográfica com o objetivo de analisar os temas relacionados à história do futebol, o contexto brasileiro, a organização das torcidas, os impactos das tragédias, a modernização e mercantilização do esporte e os aspectos socioeconômicos e culturais decorrentes de sua evolução. De tal modo que pudesse cumprir o objetivo central traçado para a pesquisa: o de analisar como a mercantilização do futebol, especialmente por meio da construção de estádios modernos, aumento dos preços dos ingressos e oferta de experiências premium, tem contribuído para a elitização e gentrificação dos estádios, com foco nos impactos sociais, econômicos e culturais dessas transformações para o acesso e a experiência dos torcedores. Dos objetivos específicos, buscou-se demonstrar de que maneira a mercantilização do futebol está promovendo a elitização e gentrificação dos estádios. Analisando como essas mudanças afetam o perfil

socioeconômico do público, a exclusão de torcedores tradicionais e a transformação dos estádios em espaços voltados para consumidores de maior poder aquisitivo. Além disso, o estudo explora os impactos culturais dessa transformação, como a possível mudança das torcidas e a mercantilização do esporte.

2. METODOLOGIA

Assim sendo, para desenvolver esta escrita busquei me orientar por uma metodologia exploratória e flexível, realizando uma revisão bibliográfica dirigida à definição do tema de estudo; bem como, uma coleta de dados em diferentes fontes. Para definição do assunto foi feito um levantamento visando analisar:

- A trajetória histórica do futebol no Brasil.
- A organização das torcidas e suas implicações sociais.
- Os impactos da modernização e mercantilização do futebol.
- A gentrificação e financeirização no esporte.
- A relação entre os custos de frequentar estádios e a renda dos torcedores.

A coleta de dados foi feita em diferentes fontes:

- **Trabalhos acadêmicos:** Artigos científicos, livros e dissertações relacionadas aos tópicos centrais.
- **Fontes jornalísticas:** Matérias publicadas em veículos de comunicação reconhecidos que tratem de temas como modernização dos estádios, tragédias e o impacto dos megaeventos.
- **Fontes audiovisuais:** Documentários, entrevistas e vídeos do YouTube que trazem relatos de torcedores, pesquisadores e especialistas.

O texto, portanto, foi estruturado e organizado em categorias correspondentes aos tópicos centrais do trabalho:

1. História do futebol e contexto brasileiro.
2. Torcidas organizadas e tragédias.
3. Modernização e gentrificação.
4. Financeirização do futebol.

5. Impactos socioeconômicos no perfil do torcedor.

A análise dos dados de caráter qualitativa, buscou compreender os impactos culturais e sociais do futebol, considerando trabalhos acadêmicos, matérias publicadas e entrevistas, documentários produzidos. Tais dados foram, então, discutidos à luz das teorias e conceitos abordados na literatura acadêmica, priorizando:

- A relação entre gentrificação, financeirização e a elitização do futebol.
- O impacto das tragédias e das torcidas organizadas na modernização do futebol
- A transformação do torcedor em consumidor no contexto da modernização dos estádios.

E, por fim, as considerações finais traz um balanço dos achados do trabalho, destacando as transformações do futebol no Brasil e seus impactos sociais e econômicos, com reflexões sobre os desafios para um futebol mais inclusivo.

3.HISTÓRIA DO FUTEBOL

A prática de jogos com bola, precursora do futebol moderno, remonta a diversas civilizações antigas, muitas vezes associada a significados ritualísticos e simbólicos. Hilário Franco Júnior (2007) destaca, por exemplo, um jogo macabro praticado na China durante períodos de guerra, no qual crânios humanos eram chutados para ultrapassar estacas de bambu. Nas Américas, por volta de 900 a.C., o tlachtli mesoamericano já envolvia disputas com bola, enquanto registros semelhantes aparecem na Grécia Antiga e na Florença medieval. Contudo, como ressalta Ferreira (2018, p. 10), nessas culturas indígenas e pré-colombianas, o jogo possuía uma dimensão ritualística distante da lógica competitiva ocidental: o objetivo não era definir vencedores, mas sim promover equilíbrio e conexão com o sagrado, uma prática coletiva desprovida da hierarquia entre triunfo e derrota.

Entretanto, vale destacar que outras civilizações (indígenas e pré-colombianas) ao terem contato com o futebol, antes de o mesmo se popularizar e ser apropriado pelos alunos das escolas inglesas, o

praticavam de forma diferente da qual habitou-se a prática no mundo moderno. A essas disputas era inserido o sentido ritualístico do jogo, desprovido de qualquer intenção de promover um ganhador e um perdedor. O sentido estabelecido nessas partidas era a do equilíbrio, completamente diferente da lógica ocidental (Ferreira, 2018, p. 10).

O futebol como esporte padronizado surgiu no século XIX na Inglaterra, inicialmente como um instrumento de formação da elite burguesa. Segundo Franco Júnior (2007), a prática era destinada a preparar jovens da aristocracia para liderança, desenvolvendo qualidades como disciplina e trabalho em equipe. Embora a popularização do esporte não tenha sido um processo intencional, os professores das escolas da elite inglesa resistiram ao jogo com bola, considerando-o uma atividade truculenta e inadequada para os padrões da burguesia da época. O futebol foi incorporado ao ambiente escolar como ferramenta de gestão comportamental, uma vez que ocupava os alunos e redirecionava sua agressividade para atividades estruturadas, minimizando situações disruptivas. (Proni, 2000) A padronização das regras, essencial para sua difusão, ocorreu por meio de iniciativas como as Regras de Cambridge (1848) e de Sheffield (1857), culminando na fundação da Football Association (FA) em 1863, que unificou normas e estabeleceu bases para o esporte moderno (Cayo, 2012). A padronização das regras, essencial para sua difusão, ocorreu por meio de iniciativas como as Regras de Cambridge (1848) e de Sheffield (1857), culminando na fundação da Football Association (FA) em 1863, que unificou normas e estabeleceu bases para o esporte moderno (Cayo, 2012).

A disseminação do futebol acompanhou a influência geopolítica britânica, embora sua adoção não tenha sido homogênea. Países diretamente colonizados pela Inglaterra, como Índia e Austrália, mantiveram o esporte em posição marginal, enquanto nações latino-americanas o incorporaram de forma mais intensa (Farias, 2014, p. 34). Na Argentina, o futebol foi introduzido por marinheiros britânicos no século XIX, mas permaneceu restrito a comunidades inglesas até a década de 1890, quando a primeira federação local ainda exigia o uso exclusivo do idioma inglês em reuniões (Franco Júnior, 2007). No Brasil, relatos similares indicam a prática do esporte por imigrantes britânicos, antes de sua popularização entre a população local. Na Europa, a resistência cultural também se fez presente: na Alemanha, o futebol era visto como uma "doença inglesa", associada a valores estrangeiros (Farias, 2014, p.

35). Apesar disso, a criação da FIFA em 1904 marcou a consolidação do esporte como fenômeno global, com regras unificadas e torneios internacionais.

A disseminação do esporte ocorreu em paralelo ao domínio do capitalismo britânico, exercendo uma influência marcante nas esferas socioculturais dos países latino-americanos. Curiosamente, países que eram diretamente colonizados pela Inglaterra, resistiram à adoção do esporte, e continuam como esporte periférico atualmente (Farias, 2014, p.34). Em países da Europa, também houve resistência para adoção do esporte, sendo a Alemanha um exemplo marcante, onde o esporte era visto como uma “doença inglesa” (Farias, 2014, p.35). Na Argentina, segundo Hilário Jr, o futebol foi introduzido por marinheiros britânicos que o praticavam em suas horas de lazer. Inicialmente, a prática era exclusiva dos britânicos residentes no país, sendo que até a primeira federação argentina fundada em 1893 proibia o uso de qualquer língua além do inglês em suas reuniões. No Brasil também há relatos de marinheiros britânicos praticando o esporte no país (Franco Júnior, 2007).

O esporte revelou-se uma ferramenta de coesão social mesmo em cenários de guerra. Durante a Primeira Guerra Mundial, soldados aliados e alemães protagonizaram a célebre Trégua de Natal de 1914, interrompendo hostilidades para jogos improvisados nas trincheiras. Franco Júnior (2007) ressalta que essas partidas não apenas aliviavam o estresse do front, mas também humanizavam o inimigo, destacando o potencial do futebol como linguagem universal. Além disso, oficiais incentivaram a prática entre tropas para fortalecer o espírito de equipe e a disciplina, estratégia que se repetiria em conflitos posteriores.

A ascensão do futebol feminino ocorreu em um contexto paradoxal. Durante a Primeira Guerra Mundial, com homens no front, mulheres assumiram funções em fábricas e passaram a praticar o esporte como atividade recreativa, inclusive em ligas organizadas. Magalhães (2005) destaca que o futebol era incentivado para manter a moral das trabalhadoras. Contudo, com o fim da guerra, houve uma reação conservadora: associações esportivas, como a FA inglesa, proibiram as mulheres de usar estádios, alegando que o esporte “ameaçava a feminilidade” e a estrutura familiar. Apenas nas últimas décadas, impulsionadas por movimentos pela igualdade de gênero, as mulheres conquistaram espaços significativos no futebol. A criação de ligas profissionais, como a Women’s Super League (Inglaterra) e o Campeonato

Brasileiro Feminino, reflete uma mudança estrutural, ainda que desafios como disparidade salarial e visibilidade persistam.

A trajetória do futebol ilustra dinâmicas políticas, econômicas e culturais de cada era. De ritual ancestral a esporte globalizado, sua história entrelaça-se com colonialismo, resistências nacionais, conflitos bélicos e lutas por inclusão. Se, no século XIX, servia para moldar líderes burgueses, hoje é palco de debates sobre diversidade e equidade, demonstrando sua capacidade de adaptar-se e refletir as contradições das sociedades que o praticam.

4. O FUTEBOL NO BRASIL

A introdução do futebol no Brasil, embora popularmente atribuída a Charles Miller em 1894, possui raízes anteriores. Já em 1878, marinheiros britânicos jogavam futebol no Rio de Janeiro, e jovens da Academia Itu de São Luís praticavam esportes semelhantes (Franco Júnior, 2007). Essas práticas prévias, somadas à sistematização das regras trazidas por Miller, permitiram que o esporte se difundisse rapidamente, aproveitando-se de tradições esportivas locais, como a capoeira, e ganhando espaço em colégios religiosos. Alunos dessas instituições, ao retornarem a suas cidades, disseminaram o futebol, incluindo pessoas de classes populares para formar times — um contato inicial que contrastaria com a elitização posterior (Farias, 2014, p. 48).

A expansão das ferrovias e o movimento dos trabalhadores foram elementos decisivos na disseminação do futebol pelo interior do Estado de São Paulo. Com a instalação das linhas férreas, houve um intenso fluxo migratório de operários que, além de impulsionarem a economia local, transportavam consigo novas práticas culturais e esportivas. Essa mobilidade facilitou a propagação do futebol, que se transformou em uma forma de lazer e identidade social entre os trabalhadores. Um exemplo emblemático dessa influência foi a primeira partida disputada em São Paulo, realizada entre a São Paulo Railway e a Companhia de Gás (Ferreira, 2008), demonstrando como a infraestrutura ferroviária e o cotidiano dos trabalhadores foram fundamentais para a popularização do esporte na região. Essa dinâmica não só contribuiu para a formação de uma cultura futebolística sólida, mas também para a integração social e o fortalecimento dos laços comunitários, marcando o início de uma tradição que perdura até os dias atuais.

Nas primeiras décadas do século XX, o futebol tornou-se um espelho das hierarquias sociais. A criação da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), em 1914, consolidou estruturas que marginalizavam jogadores negros. Clubes como o Fluminense exigiam que atletas como Carlos Alberto cobrissem a pele com pó de arroz para mascarar sua identidade racial. Em 1921, o presidente Eptácio Pessoa proibiu a convocação de negros para a seleção brasileira no Sul-Americano, reforçando o racismo institucional. O Vasco da Gama, com um presidente negro eleito em 1904, destacou-se ao incluir jogadores afrodescendentes em seu elenco, mas enfrentou boicotes de clubes rivais, sendo excluído de competições até 1926 — ano em que voltou triunfante com um time majoritariamente negro (Franco Júnior, 2007). Esses episódios ilustram a tensão entre a democratização do esporte e as barreiras impostas por uma elite branca.

Meu pai sempre teve dificuldade por ser negro. Entre ele e um branco, sempre vão escolher um branco. Tenho lutado bastante por tudo que tem acontecido comigo. É desgastante por estar meio sozinho. Já fiz tantas denúncias e ninguém é punido, nenhum clube é punido. A cada dia, luto por todos que passam por isso. Se fosse só por mim e pela família, não sei se continuaria. Mas fui escolhido para defender uma causa bem importante e que eu estudo a cada dia para que no futuro meu irmão de cinco anos não passe pelo que estou passando (Vinicius Júnior, entrevista coletiva)².

A Copa de 1958 marcou uma virada simbólica. Com dois gols de Pelé na final contra a Suécia, o Brasil não apenas conquistou seu primeiro título mundial, mas elevou o jogador negro à condição de ícone global. Sua genialidade transformou a imagem do atleta afrodescendente, associando-o ao talento e à excelência esportiva (Silva, 2008). No entanto, essa representação carregava ambiguidades: enquanto "Pelé" se tornava uma marca comercializada, apropriada por discursos publicitários que diluíam conflitos raciais, Edson Arantes do Nascimento, o homem por trás do mito, enfrentava contradições. Anúncios exploravam a dualidade Edson/Pelé, ora exaltando sua origem humilde, ora reforçando estereótipos, revelando as complexidades raciais numa sociedade que celebrava o ídolo, mas perpetuava desigualdades (Silva, 2008, p. 48).

² EM ENTREVISTA HISTÓRICA, VINI JR SE EMOCIONA E DISPARA: "CADA VEZ SINTO MENOS VONTADE DE JOGAR". YouTube, 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FYOV5vaTwlk>. Acesso em: 20 jan. 2025.

Se Pelé simbolizou uma ruptura, a luta contra o racismo permanece inacabada. Na década de 1970, jogadores como Paulo Cezar Lima enfrentaram hostilidades veladas, enquanto hoje o jogador brasileiro, Vinícius Jr., estrela do Real Madrid, sofre insultos racistas em estádios europeus. Seu ativismo — ao denunciar publicamente agressões e cobrar ações de ligas esportivas — ecoa a resistência de pioneiros como Fausto dos Santos, nos anos 1920. A persistência dessas violências expõe a falácia do mito da democracia racial e revela como o futebol reflete (e reproduz) estruturas sociais excludentes.

A cobertura jornalística dos jogos também impulsionou significativamente a popularidade do futebol no Brasil.

A profissionalização do futebol, uma luta árdua que possibilitou a entradas de brasileiros pertencentes às classes mais humildes no exercício contínuo do esporte, foi bafejada pela onda da industrialização no sentido de permitir algo novo com identidade menos subalterna e mais promissora (Pereira, 2020 p.27)

Um dos nomes mais importantes na cobertura esportiva da década de 1930 foi Mário Filho, cuja dedicação ao jornalismo esportivo ajudou a consolidar o futebol como uma paixão nacional. Filho não só relatava os jogos, mas também humanizava os jogadores e criava narrativas envolventes que cativaram o público. Em reconhecimento à sua contribuição inestimável ao esporte, o estádio mais importante do país, inaugurado em 1950, foi renomeado em sua homenagem em 1966, após a morte do jornalista. O Estádio Jornalista Mário Filho, mais conhecido como Maracanã, continua sendo um ícone do futebol brasileiro e mundial.

Os jornais contribuíram para que os torcedores se aproximassem do dia a dia dos jogadores, clubes e seleção. Os periódicos passaram a desenvolver um jornalismo mais profissional, com pessoas que dedicavam tempo exclusivo à modalidade. Quanto ao *broadcasting* (como se chamava então a radiodifusão), este se tornou na Era Vargas o grande veículo de comunicação e entretenimento no Brasil, e seria bem usado pelo Estado para exaltar o governo e o nacionalismo/patriotismo (Farias, 2014, p.120).

O processo de profissionalização do esporte no Brasil foi uma jornada que se estendeu por décadas. Enquanto clubes da elite permaneciam fiéis ao amadorismo, clubes originários das camadas populares pressionavam pela adoção do profissionalismo, entrando em disputas não apenas sociais como raciais. O conflito entre o profissionalismo e o amadorismo no futebol ficou evidente quando o tratamento

brutal aos jogadores veio à tona. De acordo com Hilário Franco Jr (2007), apesar do contexto nacional de regulamentação dos direitos trabalhistas, os jogadores de futebol eram obrigados a atuar durante o período de férias, realizando excursões pela Europa. Em muitos casos, eles eram forçados a jogar mesmo estando lesionados, o que ressalta a precariedade das condições de trabalho enfrentadas pelos atletas na época. Leônidas da Silva, o maior jogador brasileiro na época, foi multado diversas vezes por se recusar a seguir as regras da época. O futebol sempre foi encarado pelos governantes como um instrumento de propaganda perante o povo.

A partir de 1965, o Brasil mergulhou em uma ditadura militar que, consciente do poder simbólico do futebol, instrumentalizou-o como ferramenta de legitimação política e unificação nacional. Segundo Magalhães (2010), o governo autoritário encontrou no esporte um meio eficaz para difundir ideais de ordem e patriotismo, associando o sucesso da seleção brasileira à imagem de um país próspero e disciplinado. A Confederação Brasileira de Desportos (CBD), sob o comando de João Havelange (1958-1975), alinhou-se ao regime, adotando uma gestão centralizadora e hierárquica que refletia os valores do período. O ápice dessa estratégia ocorreu durante a Copa do Mundo de 1970, no México, amplamente explorada pelo presidente Emílio Garrastazu Médici como vitrine do "Brasil Grande". A conquista do tricampeonato, com uma seleção icônica liderada por Pelé, foi apresentada como prova do "milagre econômico" e da eficácia do regime. Paralelamente, a criação da Loteria Esportiva (1970) reforçou o vínculo entre Estado e esporte, canalizando recursos públicos para projetos de interesse governamental sob o disfarce de incentivo ao futebol (Magalhães, 2010).

Em 1971, o regime militar instituiu o Campeonato Brasileiro, um projeto que visava não apenas modernizar o futebol nacional, mas também consolidar o controle político sobre as competições. A centralização das decisões na CBD, aliada à exclusão de clubes regionais menores, revelava a intenção de alinhar o esporte aos interesses do governo, promovendo uma imagem de unidade nacional através do futebol. Entretanto, a partir de 1973, o discurso otimista desmoronou junto com o "milagre econômico", marcado pela crise do petróleo e o endividamento externo. Esse contexto refletiu-se no desempenho medíocre da seleção na Copa de 1974, na Alemanha, onde o time, sem o brilho de 1970, terminou em quarto lugar. Para

Magalhães (2010), a queda esportiva simbolizava a erosão da narrativa autoritária, expondo as contradições entre o projeto propagandístico e a realidade socioeconômica.

Com o início da abertura política em 1979, a CBD foi substituída pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF), marcando uma tentativa de reduzir a interferência estatal. O Campeonato Brasileiro passou por reformulações estruturais, como a descentralização de vagas e a inclusão de clubes de diversas regiões, refletindo um esforço para democratizar o esporte em sintonia com as mudanças no cenário político (Magalhães, 2010). No início dos anos 1980, em meio ao clamor pelas Diretas Já, o Corinthians tornou-se símbolo de resistência com o movimento Democracia Corintiana, liderado por Sócrates, Wladimir e Casagrande. Rompendo com a lógica vertical dos clubes, os jogadores instituíram assembleias deliberativas onde todos – atletas, comissão técnica e funcionários – tinham igualdade de votos.

Para Magalhães (2010, p. 78), o movimento "transcendeu o âmbito esportivo, tornando-se um microcosmo da luta pela redemocratização". A participação ativa dos jogadores em protestos políticos, como os comícios das Diretas Já, evidenciou o papel do futebol como espaço de contestação, onde atletas usaram sua visibilidade para desafiar o autoritarismo. A Democracia Corintiana ilustra a dualidade do futebol brasileiro: se, por um lado, foi instrumentalizado pelo regime militar, por outro, serviu como trincheira de emancipação política. Figuras como Sócrates, personificam essa contradição, mostrando como o esporte pode oscilar entre a reprodução do poder estabelecido e a subversão crítica. O movimento não apenas transformou a gestão esportiva, mas também deixou um legado simbólico, inspirando gerações a enxergarem o futebol como arena de disputas sociais e políticas.

4.1. TORCIDAS ORGANIZADAS NO ESTADO DE SÃO PAULO

O surgimento das torcidas organizadas no Brasil remonta às primeiras décadas do século XX, quando grupos informais de torcedores se reuniram para apoiar seus clubes, criar cânticos e promover festas em torno do futebol. Contudo, foi a partir da década de 1940 que esse fenômeno ganhou contornos institucionais. Segundo Cavalcanti, Souza e Capraro (2013), as torcidas uniformizadas emergiram como uma resposta à crescente popularização do esporte, marcando a transição de um apoio

espontâneo para uma organização sistemática. A pioneira Torcida Uniformizada do São Paulo, fundada em 1939 (Magalhães, 2010), distanciou-se das estruturas contemporâneas, mas estabeleceu um modelo que seria replicado e ressignificado nas décadas seguintes.

Nas últimas décadas, as torcidas organizadas passaram por um processo de empresariamento, adotando hierarquias complexas que incluem cargos como presidente, tesoureiro e secretário. Essa profissionalização, paradoxalmente, aproximou-as de uma lógica corporativa, com gestão de recursos e estratégias de marketing, ao mesmo tempo em que mantiveram vínculos identitários profundos com os clubes. A associação entre torcidas organizadas e violência consolidou-se nos anos 1980, contexto marcado pela redemocratização do país e pelo aumento da criminalidade urbana. A Mancha Verde (Palmeiras), por exemplo, surgiu em 1986 da fusão de três grupos menores, explicitamente orientada para a preparação de confrontos com rivais (Cavalcanti; Souza; Capraro, 2013). Esse fenômeno não foi isolado: a militarização das torcidas refletiu tanto a escalada de rivalidades clubísticas quanto a influência de gangues urbanas, que encontraram nos estádios um espaço de disputa territorial e simbólica.

Nos estádios, as torcidas organizadas desempenham um papel ambíguo. Por um lado, são responsáveis por criar o espetáculo festivo que define o futebol brasileiro, com bandeirões, tambores e coreografias que transformam as arquibancadas em palcos de criatividade coletiva. Por outro, carregam o estigma de serem protagonistas de episódios de violência, como invasões de campo e brigas entre facções, que frequentemente resultam em tragédias.

Dados do estudo da Fundação Getúlio Vargas (2015) revelam o perfil predominante dos torcedores organizados:

- Gênero e idade: Majoritariamente homens (91% no RJ; 86% em SP) com até 40 anos (94% em SP).
- Situação conjugal e educação: 77% solteiros no RJ; 62% com ensino médio completo em SP.
- Filiação e custos: 60% dos paulistanos pagam mensalidade às torcidas, mas apenas 38% são filiados oficialmente aos clubes.

- Percepção da violência: 59% dos entrevistados reconhecem que suas próprias torcidas são vistas como violentas.

Esses números expõem uma contradição: o engajamento financeiro e emocional com as torcidas não se traduz necessariamente em lealdade institucional aos clubes, sugerindo que a identidade grupal supera, em muitos casos, o vínculo esportivo puro.

O viés de violência presente nas torcidas organizadas frequentemente leva a investigações e punições por parte da justiça brasileira. Existe uma dualidade no sentimento que a sociedade tem em relação a essas torcidas. Por um lado, elas são amplamente reconhecidas pelos cantos criativos e por criar um ambiente de estádio diferenciado. Por outro lado, a violência associada a essas torcidas não se limita apenas aos confrontos entre grupos rivais, mas também envolve agressões a atletas e dirigentes que representam suas respectivas equipes.

Além dos episódios de violência física, há também relatos de vandalismo e comportamentos que comprometem a segurança pública e a integridade dos eventos esportivos. As autoridades frequentemente têm que intervir, resultando em medidas que variam desde proibições de entrada nos estádios até a dissolução de certas torcidas organizadas. A dualidade no sentimento em relação às torcidas organizadas reflete a complexidade de sua influência no futebol brasileiro. Elas são ao mesmo tempo um símbolo da paixão e do compromisso dos torcedores com seus clubes, e uma fonte de preocupação devido aos incidentes de violência.

É inegável que as tensões interclânicas próprias ao mundo do futebol são potencializadas pelas torcidas organizadas, mas também é verdade que, na Europa e no Brasil, elas funcionam como uma espécie de segunda família para muitos de seus membros. A mesma rede de solidariedade que transborda para violência leva a rivalidade para ações de cunho social e contribui para amenizar a tensão global. Solidariedade e rivalidade são sentimentos e comportamentos opostos, e, contudo, complementares (Franco Júnior, 2007, p. 200).

No estado de São Paulo, as torcidas organizadas tradicionais, como Gaviões da Fiel (Corinthians), Mancha Verde (Palmeiras), Independente (São Paulo) e Jovem (Santos), historicamente dominaram o cenário com sua forte presença nas arquibancadas e influência cultural. Contudo, nas últimas décadas, surgiram coletivos

que contestam não apenas a violência, mas também os valores conservadores enraizados nesse universo. O Palmeiras Antifacista, Bloco Tricolor Antifa e o Coringão Antifa, tornaram-se um símbolo de resistência política, mobilizando-se contra o racismo, a homofobia e a ascensão de discursos autoritários, além de promover ações solidárias, como arrecadações para comunidades carentes. No campo da diversidade sexual, iniciativas como a PorcoÍris e a VascoLGBTQ+ buscam ocupar espaços em um ambiente marcado pela heteronormatividade, promovendo campanhas contra a homofobia e distribuindo bandeiras com símbolos do orgulho LGBTQIA+ nos estádios. Esses grupos enfrentam resistência tanto de setores conservadores das próprias torcidas quanto da falta de apoio institucional dos clubes, que muitas vezes evitam confrontar a cultura tóxica. Ainda assim, sua presença crescente reflete uma mudança geracional e política, especialmente em São Paulo, onde a densidade urbana e a efervescência cultural amplificam debates sobre inclusão. Enquanto as organizadas tradicionais mantêm estruturas hierárquicas e, em alguns casos, ligações com a violência, esses novos coletivos mostram que as arquibancadas podem ser território de reinvenção social, onde o futebol dialoga com lutas por equidade e representatividade.

A dualidade entre fervor e violência nas torcidas organizadas não se resolve com soluções simplistas. A criação de coletivos progressistas é um passo essencial para sua evolução, exigindo a colaboração entre Estado, clubes, torcedores e sociedade. O estádio reflete as contradições do Brasil, e a construção de um ambiente seguro e respeitoso depende não apenas de regulamentações, mas de uma transformação cultural que canalize a paixão pelo futebol como força motriz de mudança social.

4.2. TRAGÉDIAS DO FUTEBOL

A violência sempre foi parte ativa do meio futebolístico, na Inglaterra, os *hooligans*³ ingleses marcaram os anos 1970 e 1980 e a violência das torcidas organizadas também foram marcantes no Brasil, principalmente nos anos 1980 e 1990.

³ A cultura popular inglesa denominou os torcedores causadores de distúrbios como *hooligans*, termo que posteriormente seria adotado em âmbito internacional, inclusive no meio acadêmico (Temóteo, 2015. p.17).

Em 15 de abril de 1989, um dos eventos mais trágicos da história do futebol ocorreu no Estádio de *Hillsborough*, na Inglaterra, durante o jogo entre *Nottingham Forest* e *Liverpool*, pela semifinal da Copa da Inglaterra. Naquele dia, 97 torcedores perderam a vida ou enfrentaram complicações que os levaram a óbito anos mais tarde. O futebol inglês já havia sido marcado por uma tragédia anterior, a de *Heysel*, na qual 39 torcedores morreram em confrontos entre as torcidas do *Liverpool* e da *Juventus* em um jogo pela Copa dos Campeões da Europa. Essa tragédia resultou na proibição dos clubes ingleses de participarem de competições europeias por cinco anos, sendo o Liverpool, cujos hooligans causaram a tragédia, excluído por um ano adicional. Na época, o governo inglês liderado por Margaret Thatcher buscava implementar suas ideias neoliberais em diversos aspectos da sociedade, incluindo o futebol (Costa, 2022). A elitização observada no esporte e a modernização dos estádios são legados significativos desse período.

O "Taylor Report", redigido por Peter Murray Taylor, foi o principal documento que fundamentou a modernização do futebol inglês. Nele, o autor analisou as causas da tragédia de Hillsborough e concluiu que mudanças na estrutura do futebol eram essenciais para prevenir a violência e tragédias. O relatório apontou a falta de estrutura no estádio e a falta de preparo policial como os principais responsáveis pela tragédia. Apesar de absolver os torcedores naquele dia, houve uma campanha para culpabilizar os torcedores do Liverpool (Costa, 2022).

O jornal britânico "The Sun" publicou em sua capa a manchete "The Truth", contendo acusações falsas de que os torcedores teriam furtado, urinado nos corpos das vítimas e agredido seguranças e policiais durante a tragédia de Hillsborough. Em setembro de 2012, o mesmo jornal lançou uma edição com o título "The Real Truth", na qual fez um pedido de desculpas pelas informações falsas anteriormente publicadas. O primeiro-ministro da época, David Cameron, dirigiu-se ao parlamento inglês para apresentar desculpas públicas pelos erros que ocorreram durante o governo de Margaret Thatcher. Até hoje, persiste uma disputa jurídica por parte das famílias das vítimas em busca de justiça pelos 97.

Mais do que um projeto neoliberal capitaneado pelo governo britânico de Thatcher sobre uma das paixões nacionais, o pacote de ações que mudou a cara do futebol inglês nos últimos 25 anos, notadamente o combate aos *hooligans* e o forte aumento no valor das entradas, foi obra dos donos dos clubes que, substituindo a classe trabalhadora e os torcedores organizados pela classe média como público das

arenas, conseguiram auferir lucros cada vez maiores e transformaram a *Premier League* - a primeira divisão do futebol inglês - em um dos melhores, se não o melhor campeonato de futebol do mundo (Oliveira, 2015, p.12).

Nos anos seguintes à tragédia de Hillsborough, o futebol inglês passou por uma profunda reestruturação. Os estádios na Inglaterra passaram por uma significativa reformulação, com uma das principais mudanças sendo a substituição dos lugares onde os torcedores ficavam em pé pela instalação de assentos em todos os setores. Essa transformação impactou profundamente a cultura do futebol no país, uma vez que os espaços que antes eram predominantemente ocupados pela classe trabalhadora — torcedores que muitas vezes tinham uma conexão mais visceral e passional com seus clubes — foram drasticamente reduzidos ou eliminados (Cruz, 2005).

Em 1992, os clubes da primeira divisão romperam com a Football League e criaram a Premier League com o objetivo de maximizar os lucros oriundos dos direitos de transmissão. Segundo reportagem⁴ do Globo Esporte, a liga anunciou um valor recorde de 6,7 bilhões de libras apenas para transmissões domésticas, com a possibilidade de ampliar ainda mais os lucros negociando os direitos com veículos internacionais. Esse movimento não apenas trouxe mais receita, mas consolidou a Premier League como uma das ligas mais competitivas e populares do mundo.

Enquanto isso, o futebol brasileiro também enfrentava seus desafios, com episódios de violência marcantes. Um exemplo emblemático foi a "Batalha Campal" ocorrida na final da Copa São Paulo de Juniores de 1995, no estádio do Pacaembu. Naquele dia, as torcidas organizadas do Palmeiras (Mancha Verde) e do São Paulo (Independente) protagonizaram uma série de confrontos no campo. O Ministério Público chegou a pleitear a extinção de ambas as torcidas, resultando na renomeação da Mancha Verde para Mancha Alviverde e na reestruturação da Independente, que manteve seu nome.

A violência no futebol não se limitou a eventos pontuais; ela continuou a permear o ambiente esportivo ao longo dos anos. Ataques a ônibus de times, brigas organizadas por grupos na internet e xingamentos racistas em estádios ao redor do

⁴ **GE.** Premier League anuncia valor recorde por direitos de TV: R\$ 41,8 bilhões. Globo Esporte, 4 dez. 2023. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-ingles/noticia/2023/12/04/premier-league-anuncia-valor-recorde-por-direitos-de-tv-r-418-bilhoes.ghtml>. Acesso em: 24 jan. 2025.

mundo são exemplos de comportamentos que persistem. Muitos torcedores enxergam os estádios como locais onde "tudo é permitido", e atos criminosos são frequentemente justificados como manifestações de paixão. A falta de punição efetiva por parte do Estado permite que essas atitudes se perpetuem, criando um desafio global para o futebol. Diante desse cenário, é essencial analisar não apenas a cultura das torcidas organizadas, mas também os mecanismos de prevenção e repressão à violência no futebol. É necessário buscar soluções que promovam um ambiente mais seguro e respeitoso para todos os amantes do esporte, preservando o que há de melhor no futebol e combatendo aquilo que ameaça sua essência. O Estatuto do Torcedor (Lei 10.671, de 15 de maio de 2003) foi criado em um período de instabilidade no país, após a conclusão da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) sobre a CBF e a Nike, além do amplamente divulgado incidente de superlotação e desabamento no Estádio São Januário (Oliveira, 2014. p.30).

A leitura do Estatuto do Torcedor demonstra que a segurança dos torcedores e a contenção da violência na assistência das práticas desportivas é objeto de grande parte dos artigos positivados. Em uma análise quantitativa, é possível aferir-se que, dos quarenta e cinco artigos presentes na Lei, direta ou indiretamente, envolvem a questão de segurança. Ademais, oito dos seus doze capítulos contêm, ao menos, alguma referência à segurança (Oliveira, 2015, p.33).

Apesar disso, o Estatuto do Torcedor não dispõe de mecanismos que protejam os torcedores contra a elitização nos estádios, tratando-os como uma figura única, sem considerar as significativas diferenças entre eles, como classe social, raça, gênero e idade (Castro, 2016, p.117).

Além do impacto nos estádios, os torcedores desempenham um papel significativo na cultura brasileira fora desse ambiente, organizando eventos, participando de manifestações públicas e integrando-se às comunidades locais. Entretanto, esse panorama positivo não está isento de desafios e controvérsias. Os grupos de torcedores organizados enfrentam questões relacionadas à violência e comportamento inadequado, levando à implementação de diversas medidas para garantir a segurança nos estádios. Em resposta a episódios de conflito, medidas rigorosas foram adotadas, principalmente contra as torcidas organizadas.

Embora alguns textos reconheçam que as torcidas organizadas constituam instituições multifacetadas e que, frequentemente, seus

integrantes são estigmatizados pela mídia e pela opinião pública, são comuns os discursos que fundem os torcedores organizados e os torcedores violentos numa mesma figura, colocando a violência como um elemento consubstancial também aos primeiros. Uma vez que essa associação contribui para tirar de cena o torcedor que se envolve em ações violentas e que não é filiado à torcida organizada, colocando-o na penumbra, pode-se dizer que, de partida, ela é dissimuladora. Mas ela também é abusiva, já que a identidade do torcedor organizado pacífico é contagiada pela ação violenta de alguns torcedores organizados. Em última instância, tal contaminação reveste todos os torcedores organizados com a imagem da violência e da delinquência (Lopes, 2013 p.60).

A proibição de torcidas rivais em clássicos paulistas, promovida pelo Ministério Público de São Paulo, despertou considerável crítica por parte de torcedores, treinadores e especialistas em mídia. Em meio a essas discussões, é interessante notar a posição contrária do governo federal, expressa pelo secretário de Futebol e Direitos do Torcedor, José Luis Ferrarezi. Em uma reportagem⁵ da Uol, datada de 11 de março de 2023, Ferrarezi argumenta firmemente contra a implementação da "torcida única", afirmando que tal medida não resolverá os problemas existentes e expressando uma posição radical contra essa abordagem. Esse debate evidencia a complexidade e a sensibilidade envolvidas na gestão do comportamento dos torcedores e na promoção de um ambiente seguro e inclusivo nos estádios brasileiros.

Recentemente o tema de violência em torcidas organizadas retornou aos noticiários com a emboscada de torcedores organizados do Palmeiras aos torcedores da organizada do Cruzeiro. A Mancha Alverde foi proibida de entrar em estádios com roupas da organização e a discussão sobre torcida única em jogos de times de estados diferentes ganhou força e está sendo discutida entre governantes e responsáveis pela segurança pública dos estados. Essa discussão resultou em um jogo sem público entre as duas equipes, mesmo que a emboscada tenha acontecido em um dia que não houvesse jogo entre as equipes.

A discussão sobre violência nos estádios continua sendo feita de forma rasa e sem olhar a complexidade da situação que é vivida pelos brasileiros. O implemento de torcida única e a proibição de entrada nos estádios com vestimentos da torcida organizada não resultam em melhorias e só servem para deixar o espetáculo cada

⁵ MATTOS, Rodrigo. Governo federal se posiciona contra torcida única e banir organizadas. *UOL Esporte*, 11 mar. 2023. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/colunas/rodrigo-mattos/2023/03/11/governo-federal-se-posiciona-contratorcida-unica-e-banimento-de-organizada.htm>. Acesso em: 24 jan. 2025.

vez mais pobre. Definir uma política de segurança pública mais eficaz e mais justa com camadas menos abastadas da população é necessário.

4.3. MODERNIZAÇÃO DO FUTEBOL BRASILEIRO

O futebol reflete a sociedade em que está inserido, e com a propagação do neoliberalismo no mundo, o esporte também foi profundamente impactado. Segundo Ferreira (2018), a partir da década de 1970, a ultra-mercantilização do futebol se acentuou, transformando-o significativamente. A busca por lucros se tornou o principal motor do esporte, decisões são tomadas de acordo com os interesses comerciais e não esportivos ou até éticos.

A elitização do futebol brasileiro, evidenciada principalmente pelo aumento dos ingressos. Ir ao estádio de futebol sempre foi um programa familiar para famílias de todas as classes sociais. Pierre Bourdieu (1978) argumenta que as desigualdades sociais são perpetuadas de geração em geração por meio da transmissão do capital cultural e dos hábitos. Nesse sentido, as elites poderiam ver com desconfiança a possibilidade de as camadas mais populares alcançarem o sucesso por meio do esporte, o que poderia ameaçar a estrutura estabelecida. Esse contexto de profissionalização versus amadorismo, somado à mercantilização e elitização do futebol, evidencia como o esporte é um reflexo das tensões e transformações sociais.

A pressão pela inclusão e democratização do futebol continua a ser uma questão relevante, destacando a necessidade de políticas que promovam a equidade e a inclusão no esporte, garantindo que ele permaneça um espaço acessível a todos, independentemente de sua origem socioeconômica.

Da mesma forma que o percurso da história nacional, o futebol também mudava. Assim como acontecia no país, a demanda por maior participação popular aumentava, sendo impossível manter antigos privilégios e estruturas. Portanto, a regulamentação e a profissionalização do futebol não foram fatos isolados, mas parte da política trabalhista que marcou o primeiro governo Vargas (Magalhães, 2012).

A modernização do esporte no Brasil ocorreu por meio de políticas públicas que utilizavam o futebol para legitimar os avanços pretendidos pelo Governo Vargas. O Estado brasileiro desempenhou um papel crucial na regulamentação e normatização

do futebol no país. Desde o período do Estado Novo, em 1941, quando foi estabelecido o Conselho Nacional de Desportos (CND), o Estado passou a contar com um órgão responsável pela orientação, fiscalização e incentivo à prática desportiva no país. Durante o Estado Novo, o futebol foi promovido como uma ferramenta para fomentar o sentimento patriótico e promover a harmonia nacional.

Posteriormente, em 1975, a criação da Lei nº 6.251 abriu caminho para uma maior interferência do mercado no futebol brasileiro. Nos anos 1980 e 1990, o futebol passou a ser percebido como uma atividade lucrativa, levando o Estado brasileiro a buscar normatizar as relações entre o futebol e o mercado, intervindo nos rumos do esporte no país.

A Lei Pelé, promulgada em 1998, introduziu uma nova característica no processo de modernização do futebol: a presença mínima do Estado, que deixou de atuar como tutor do esporte, permitindo que as regras fossem ditadas exclusivamente pelo mercado (Ferreira, 2018). As premissas a serem seguidas tornaram-se a eficiência e o lucro, com a relação entre futebol e mercado fundamentada no princípio da livre concorrência.

No Brasil foi instaurado, em 2004, a Comissão Nacional de Prevenção da Violência para a Segurança dos Espetáculos Esportivos, conhecida como Comissão Paz no Esporte. Com clara e manifesta inspiração no modelo inglês e estruturado a partir do conteúdo do Relatório Taylor (Oliveira, 2015 p.15). O objetivo do relatório produzido era identificar e propor soluções para os problemas de violência que ocorriam no Brasil.

A manutenção de velhas práticas ao lado de medidas modernizadoras fora de lugar acabou impedindo a criação das tais “condições básicas de conforto e segurança” previstas pela Comissão Paz no Esporte e tiveram efeitos nocivos sobre a cultura torcedora do país e a presença de público nos estádios, deixando a taxa de ocupação do Campeonato Brasileiro muito abaixo da média mundial, e atrás de países com pouco ou nenhuma tradição em futebol (Oliveira, 2015, p.16).

No Brasil, várias leis foram promulgadas com o objetivo de viabilizar políticas públicas para o desenvolvimento do esporte. Entre elas, destaca-se a Lei n. 9.615/98, conhecida como Lei Pelé (Brasil, 1998), a Lei n. 9.981/2000 (Brasil, 2000), e a Lei n. 10.671, de 15 de maio de 2003, também chamada de Estatuto do Torcedor (Brasil, 2003). Além disso, a Lei n. 10.672, de 15 de maio de 2003, conhecida como Lei da

Moralização do Futebol (Brasil, 2003), e a Lei n. 11.438, de 29 de dezembro de 2006, chamada Lei de Incentivo ao Esporte (Brasil, 2006), foram sancionadas. Posteriormente, o Estatuto do Torcedor foi atualizado pela Lei n. 12.299, de 27 de julho de 2010 (BRASIL, 2010). Segundo Pereira (2020), são essas leis que permitem o que foi definido como “modernidade na gestão dos clubes de futebol” (p.38).

A Lei Bosman, de 1995, foi um marco importante para o futebol, pois mudou radicalmente a maneira como os jogadores se movem entre os clubes. Antes dela, os jogadores ficavam presos aos contratos com seus times, e as transferências eram dominadas pelos clubes. Tudo isso mudou com a luta de Jean-Marc Bosman, um jogador belga que desafiou seu clube, o RFC Liège, para que os atletas tivessem o direito de se transferir livremente ao fim de seus contratos, sem a necessidade de pagar ao time anterior (Ferreira, 2018). O que Bosman queria, na verdade, era que os jogadores fossem tratados como qualquer trabalhador europeu, com a mesma liberdade para negociar seu futuro. Sua vitória não apenas deu mais poder aos atletas, mas também fez os agentes esportivos ganharem destaque e elevou os salários dos jogadores de forma impressionante.

Aqui no Brasil, a discussão sobre modernizar o futebol está cada vez mais presente. A ideia é transformar os estádios, organizar o esporte de maneira mais profissional, como uma grande empresa. Muitos acreditam que isso é o que o futebol precisa para resolver seus problemas. Mas, ao mesmo tempo, há uma preocupação crescente de que essa modernização esteja afastando o futebol de suas raízes. Acontece que, ao tornar o esporte cada vez mais acessível apenas para quem tem dinheiro, corremos o risco de perder o que ele tem de mais verdadeiro: a sua ligação com as pessoas comuns, com as classes populares. Ao focar apenas na parte empresarial e elitizada, o futebol pode deixar de ser aquele esporte que todos amam e têm acesso, tornando-se um produto consumido apenas pelos mais ricos. Esse processo de exclusão das classes populares pode ser uma forma de gentrificação do próprio ambiente do futebol — um tema que vou abordar com mais calma em um capítulo mais adiante. Porque, no fundo, o que todos queremos é um futebol que continue a ser do povo.

A modernização conservadora, que é conduzida de forma a preservar as estruturas do poder estabelecidas, tem sido uma característica das modernizações do

futebol brasileiro desde sua origem. Isso se dá porque o futebol foi introduzido no Brasil por sua elite dirigente, que estava impregnada por valores liberais vindos da Europa, mas ainda carregava os valores tradicionais de um passado colonial e escravocrata.

Se o moderno no futebol foi a profissionalização dos atletas, hoje essa profissionalização, agora direcionada para os clubes de futebol e seus dirigentes, representa um estágio mais avançado da evolução no esporte. É necessário que haja um equilíbrio entre a modernização e a preservação das características populares e democráticas do esporte.

A subalternidade do conjunto de dirigentes de clubes é fator crucial para a manutenção da hegemonia da “classe dominante”: os dirigentes da CBF, que se mantêm no cargo por anos a fio, criando uma espécie de “corte aristocrática”, e na negociação com a “burguesia” do futebol, que são os dirigentes de clubes e federações, que conservam o poder alterando a agenda e normal, sem modificar os pilares básicos da administração (Pereira, 2020, p.30).

De acordo com Pereira (2020), a manutenção dos campeonatos estaduais serve como um meio de manter o controle das federações, possibilitando que os mesmos dirigentes, muitas vezes envolvidos em escândalos de corrupção no futebol brasileiro, se perpetuem no poder.

5. MEGA EVENTOS, MODERNIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS DOS ESTÁDIOS E OS TORCEDORES CONSUMISTAS

Os megaeventos esportivos, como enfatiza Curi (2013), estão profundamente conectados a acontecimentos de alcance global, onde o país ou a cidade anfitriã se coloca sob o holofote das influências e tendências internacionais. O principal argumento em favor da realização desses eventos de grande porte é o legado positivo que supostamente deixam para a localidade. Contudo, esse impacto tem sido alvo de intensos debates entre especialistas e jornalistas, que frequentemente questionam se o legado prometido se concretiza ou se, na realidade, esses eventos resultam em "elefantes brancos" — estruturas subutilizadas ou abandonadas — e em escândalos de corrupção associados à construção das instalações necessárias para sediá-los.

O conceito de arenas multiuso surgiu nos Estados Unidos no final da década de 1980, com um modelo voltado para instalações que atendiam tanto a jogos de hóquei quanto de basquete, além de campos compartilhados por equipes de beisebol e futebol americano (Santos, 2014). Atualmente, os eventos esportivos nos Estados Unidos constituem um dos maiores mercados de entretenimento do mundo. Um exemplo notável é a realização do Super Bowl, que inclui o famoso show do intervalo, frequentemente patrocinado por grandes marcas.

De olho na possibilidade de sediar os Megaeventos esportivos, como Copa do Mundo e Olimpíadas, o Brasil passou por um processo de arenização dos estádios. Para o Pan Americano, Copa do Mundo e Olimpíadas foram reformados ou construídos 12 estádios no Brasil, além de reformas que aconteceram sem ligação com os eventos citados, como o Allianz Parque do Palmeiras. Esse processo de arenização ficou conhecido como “Padrão FIFA”. Um país que deseje ser sede de uma Copa do Mundo precisa se enquadrar em diversas exigências cobradas pela FIFA⁶. Segundo Junior (2017) a maior reclamação por parte da mídia especializada era a respeito da Lei Geral da Copa, aprovada em 05 de junho de 2012. Segundo reportagens da época⁷, a promulgação de tal lei suspendia temporariamente o código de defesa do consumidor, o estatuto do idoso e o do torcedor.

As transformações no gerenciamento e nas condições físicas do Estádio Maracanã provocaram impactos significativos em sua história e cultura. A partir da década de 1990, com a ascensão do neoliberalismo global e a crescente mercantilização do esporte, os preços dos ingressos sofreram uma elevação considerável. Esse aumento resultou na exclusão das classes populares, afastando uma parte substancial da população do acesso ao estádio. Conforme reportado pelo

⁶ *Com a possível suspensão do CDC (Código do Consumidor) pela FIFA, como ficam os direitos do consumidor?* InfoMoney. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/minhas-financas/com-a-possivel-suspensao-do-cdc-pela-fifa-como-ficam-os-direitos-do-consumidor/>. Acesso em: 20 jan. 2025.

Copa 2014: cota social de ingressos no lugar da meia-entrada suspende direitos. InfoMoney. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/minhas-financas/copa-2014-cota-social-de-ingressos-no-lugar-da-meia-entrada-suspende-direitos/>. Acesso em: 20 jan. 2025.

⁷ *Com a possível suspensão do CDC pela FIFA, como ficam os direitos do consumidor?* InfoMoney. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/minhas-financas/com-a-possivel-suspensao-do-cdc-pela-fifa-como-ficam-os-direitos-do-consumidor/>. Acesso em: 20 jan. 2025.

Copa 2014: cota social de ingressos no lugar da meia-entrada suspende direitos. InfoMoney. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/minhas-financas/copa-2014-cota-social-de-ingressos-no-lugar-da-meia-entrada-suspende-direitos/>. Acesso em: 20 jan. 2025.

UOL⁸, o ingresso para a reabertura do Maracanã, em 2013, custava 30% a mais que a média dos ingressos dos jogos do Campeonato Brasileiro no mesmo ano, refletindo uma tendência a elitização e restrição ao público tradicional. O Maracanã, que antes era um espaço democrático e popular, tornou-se uma arena elitizada e excludente. Segundo Teixeira (2017), a questão central não é a modernização dos estádios, que sempre foi vista como necessária, mas sim a implementação de um modelo estrangeiro sem olhar e adaptar para a realidade vivida no Brasil.

As reformas para os Jogos Pan-Americanos de 2007 foram as que mais impactaram o Estádio Maracanã, nos primeiros 60 anos de sua história. A obra resultou no fim da geral, o que alterou significativamente o público presente no estádio e contribuiu para a sua elitização. Além disso, a cobertura, que representou um gasto de dinheiro público, produziu uma mudança arquitetônica drástica no Maracanã, que perdeu quase completamente as suas características originais. Essas mudanças resultaram em um distanciamento das classes populares do acesso ao estádio, o que gerou uma elitização não natural, mas sim através de um projeto de cidade e de estádio que privilegia o torcedor consumidor, buscando retirar dos estádios aqueles indivíduos considerados vândalos, notavelmente torcedores aficionados e/ou das classes populares nessa concepção elitista. O processo de criação desse estádio-cenário com um menor contingente de espectadores e foco nas transmissões televisivas, portanto, é marcado pela tensão social entre classes econômicas que vivem em constante embate. A geral, antes um elemento marcante do estádio foi extinto.

Como já visto, a elitização ocasiona a exclusão de uma camada social apaixonada pelo esporte, e que não é mais capaz de ir frequentemente aos estádios. Esta é a consequência central, mas é possível desmembrá-la em outros pontos também. Assim, se os telões encantam e nos permitem ver no detalhe o lance do jogo, perdemos a emoção do radinho de pilha no ouvido enquanto buscávamos enxergar em meio à multidão. A cadeira confortável nos tira o calor humano de compartilhar, em pé, a vibração de um gol de seu time. Não à toa diversas músicas e cânticos de torcida falam da importância da arquibancada (Ebling 2014, p.60).

⁸ *Maracanã gasta mais do que planejado e tem ingresso 30% mais caro.* UOL. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/campeonatos/brasileiro/serie-a/ultimas-noticias/2013/09/12/maracana-gasta-mais-do-que-planejado-e-tem-ingresso-30-mais-carro.htm>. Acesso em: 20 jan. 2025.

O Allianz Parque, hoje, é muito mais do que apenas um estádio de futebol. Ele se tornou um verdadeiro símbolo da modernização dos espaços públicos, transformando-se em uma arena multiuso que também é palco de grandes eventos culturais. Antigamente, os estádios eram vistos exclusivamente como templos do esporte. Hoje, eles passam por uma reinvenção: espaços concebidos para experiências musicais únicas. O Allianz Parque, por exemplo, que já recebeu nomes como Paul McCartney, Linkin Park e Katy Perry, agora se destaca como um cenário pensado para shows espetaculares, transformando cada apresentação em um evento inesquecível e reafirmando sua versatilidade e inovação na cidade. Sua construção começou em 2011, quando o antigo Palestra Itália, que era a casa do Palmeiras, deu lugar a essa nova arena, que mais do que um local, representa um marco na história de São Paulo. Hoje, ele não é só um lugar de futebol, mas um ponto de encontro onde a cultura se encontra com a paixão pelo esporte.

O Allianz Parque foi um empreendimento inovador, com todas as características de pioneirismo, urdido por aproximações sucessivas entre o pensar e as possibilidades que surgiam ao longo do seu incremento. Não foi algo que chegou ao Brasil pronto, que se construiu baseado em planta de estádios de fora do país, embora, se lastreasse nos conceitos do que havia na Europa e Estados Unidos, sobretudo, com relação ao conforto e à condição de prover espetáculos não esportivos. Não havia paradigmas no Brasil, e partiu-se de uma conclusão econômica: só em São Paulo, com certeza, e, talvez Rio de Janeiro, a ver, poder-se-ia pensar em um empreendimento do tipo, naquele momento, com segurança de rentabilidade para o investidor privado (Pereira, 2020, p.102).

No último ano, antes do fechamento do Palestra Itália para reforma, o Palmeiras registrou uma média de 11.234 torcedores por jogo, conforme reportagem da UOL⁹. Após a inauguração do Allianz Parque, a equipe alcançou uma média de 28.908 espectadores, de acordo com uma matéria do GE¹⁰. Essa média, embora significativamente superior, foi impactada pela pandemia, que limitou o acesso ao

⁹ MATTOS, Rodrigo. *Média de público do Palmeiras no Brasileiro tem aumento de 163% em 5 anos*. UOL Esporte, 30 nov. 2015. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2015/11/30/media-de-publico-do-palmeiras-no-brasileiro-tem-aumento-de-163-em-5-anos.htm>. Acesso em: 24 jan. 2025.

¹⁰ SOUZA, Lucas. *Palmeiras se despede da arena em 2023 com recorde de público e bilheteira*. GE. 3 dez. 2023. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/palmeiras/noticia/2023/12/03/palmeiras-se-despede-da-arena-em-2023-com-recorde-de-publico-e-bilheteira-veja-numeros.ghtml>. Acesso em: 24 jan. 2025.

estádio. Além disso, o GE destacou que a média de arrecadação nesse período foi de R\$1.753.384,96.

O aumento no número de torcedores presentes aos jogos está diretamente relacionado ao reajuste dos ingressos e à implementação de programas de sócios-torcedores, que incentivam e facilitam a ida ao estádio. No entanto, essa estratégia também contribui para o afastamento de torcedores de baixa renda, especialmente aqueles que precisam percorrer longas distâncias para comparecer aos jogos em São Paulo.

Os sócios-torcedores se tornaram um ativo que vai além dos ingressos para assistir aos jogos. Eles oferecem encontro com jogadores, *tour* pelos estádios, brindes, entre outros benefícios (Mandelli, 2018). Como podemos verificar através das múltiplas ofertas de benfeitorias e propostas aos torcedores, cada vez mais, parece que no mundo atual é necessário não apenas vender produtos, mas sim vender uma experiência que resulte na sua fidelização.

O Neo-Química Arena, estádio do Corinthians na cidade de São Paulo, foi inaugurado em 2014 e foi uma das sedes da Copa do Mundo de 2014, pode ser um exemplo. Dentro do estádio são oferecidos diversos serviços, uma academia, acesso à saúde, camarote kids, uma megaloja intitulada Poderoso Timão, um estúdio de estética, além do Camarote Fielzone. A arena também foi projetada para receber eventos de todos os portes (Azevedo; Marques, 2021). É possível notar que os estádios que se tornaram arenas não são apenas mais um templo do futebol, são um negócio que movimenta milhões de reais, todos os anos, e que necessita de uma estrutura cada vez mais sofisticada e de um elevado custo de manutenção.

O processo de arenização, no qual se insere a edificação do estádio corintiano, transformou estes equipamentos futebolísticos em espaços destinados a um público específico, disposto a pagar um alto valor por conforto e segurança, com o propósito de consumir o espetáculo jogo de futebol. Desse modo, os torcedores que não desejam atuar como simples consumidores, aqueles que participam ativamente e visualizam o estádio como um local para expressar suas opiniões e reivindicações são cada vez mais penalizados, percebidos como público que deve ser afastado do estádio (Azevedo; Marques, 2021).

Vivemos em uma sociedade marcada pelo consumo desenfreado, onde somos constantemente bombardeados por propagandas direcionadas. As redes sociais desempenham um papel central nesse processo, utilizando dados pessoais para

mapear preferências e oferecer produtos ou serviços por meio de anúncios altamente segmentados.

Segundo Bauman (2008), o ato de consumir tornou-se algo tão rotineiro que muitas vezes passa despercebido no fluxo das atividades diárias. Contudo, o consumo é uma prática fundamental da existência humana, presente desde os primórdios da humanidade. Desde a caça para obtenção de alimentos até compras realizadas pelo celular com entregas no mesmo dia, o consumo evoluiu, mas sua essência permanece inalterada. Como afirma Bauman: “Qualquer modalidade de consumo considerada típica de um período específico da história pode ser apresentada, sem muito esforço, como uma versão ligeiramente modificada de modalidades anteriores” (2008, p. 37). Isso demonstra que, apesar das mudanças tecnológicas e culturais, o consumo continua a desempenhar um papel estruturante na sociedade.

O consumo transforma-se em consumismo quando deixa de ser apenas uma atividade necessária e passa a desempenhar um papel central na vida, tornando-se uma parte vital do convívio social. Nesse contexto, as escolhas de consumo começam a guiar as relações interpessoais, aproximando indivíduos que compartilham preferências similares no ato de consumir. O consumismo molda a dinâmica social ao alinhar interesses e criar conexões baseadas no que se consome, evidenciando o impacto cultural e comportamental desse fenômeno (Guerra, 2010, p.55).

Segundo Bauman (2008, p. 41), “de maneira distinta do consumo, o que é basicamente uma característica do ser humano como indivíduo, o consumismo é atribuído à sociedade.” O consumismo caracteriza-se por um ciclo infinito: assim que uma pessoa adquire o item desejado, ele logo perde o encanto, sendo rapidamente substituído por outro. Com o constante bombardeio de novidades e inovações tecnológicas, o interesse pelo novo só cresce, criando uma insatisfação permanente com as aquisições atuais. Esse ciclo reflete a lógica do consumismo, onde o desejo nunca é completamente saciado (Guerra, 2010). Conforme Guerra (2010):

Essa sociedade que se apresenta como promessa de satisfação dos desejos num grau nunca antes visto na história se constitui, no entanto, sobre o consumismo e a perpétua insatisfação que o motiva. Para sua manutenção, a sociedade de consumo depende de continuar a proporcionar grandes sonhos que são continuamente substituídos por outros, o que funciona como um moto-contínuo que garante sua existência. Esse processo, que conta em sua constituição com a

transferência de significados culturais para os objetos, como vimos anteriormente, pode dar-se de maneiras distintas, seja através da desvalorização dos bens de consumo logo após tê-los promovido como sonhos, seja pela satisfação de sonhos que inevitavelmente levam a outros ainda maiores (Guerra, 2010, p.60).

Proni (1998) afirma que é possível considerar o consumo relacionado ao esporte contemporâneo a partir de três perspectivas interligadas para análise:

- 1) a do consumo de bens: os mercados de artigos e equipamentos esportivos cresceram com a difusão de práticas esportivas amadoras e/ou “informais” (maior acesso à prática de muitas modalidades), com a própria expansão da indústria esportiva, com a conversão das estrelas do esporte em modelos de saúde, vigo, sucesso e realização pessoal, e em razão de um crescente número de “não-praticantes” desejar incorporar, através desse consumo, um estilo de vida “esportivo”;
- 2) a do consumo de serviços: a grande demanda por iniciação ou supervisão esportiva e o alto apreço social por um corpo modelado, que podem ser constatados na proliferação das academias e centros esportivos de uso privado, estão associados à oferta de práticas esportivas dirigidas e ao surgimento de novos métodos de preparação física (os quais passam a ser vistos como investimento pessoal para combater o estresse do trabalho e para aumentar as chances de sucesso profissional ou social); e
- 3) a do consumo de espetáculos: a cobertura dos eventos esportivos pelos meios de comunicação de massa, em especial pelas redes de televisão, não só transformou o espetáculo esportivo em uma das principais opções de entretenimento, expandindo assim um promissor segmento das atividades de lazer, como estimulou o desenvolvimento do marketing esportivo e a comercialização das competições de alto nível (Proni, 1998, p.80).

O futebol se enquadra perfeitamente na análise de Proni (1998) sobre o consumo associado ao esporte contemporâneo. No âmbito do consumo de bens, os clubes de futebol investem constantemente em novas arenas, tecnologias, estratégias de marketing e, sobretudo, na aquisição de jogadores para manterem sua competitividade e atratividade. No consumo de serviços, a paixão dos torcedores pelo futebol alimenta o mercado de produtos e serviços relacionados, desde artigos esportivos até experiências exclusivas, como academias associadas a clubes. Já no consumo de espetáculos, o futebol destaca-se como um dos principais eventos globais, exemplificado pela final da Copa do Mundo entre França e Argentina, que

atraiu cerca de 1,5 bilhão de espectadores (Goal, 2024)¹¹, evidenciando a relevância do esporte como fenômeno cultural e mercadológico.

Hoje, uma equipe de futebol vai muito além de seu papel tradicional no campo; ela se tornou uma marca global a ser explorada e um poderoso motor econômico, gerando grandes fluxos financeiros ao redor do mundo. Em matéria publicada pelo GE (2024)¹², as equipes brasileiras da primeira divisão do país, até o momento da reportagem (agosto), movimentaram mais de 2 bilhões de reais em 301 jogadores no ano de 2024. Isso demonstra que os investimentos necessários para competir em alto nível no mercado brasileiro alcançaram números impressionantes. O futebol é o sonho de diversas crianças que nasceram no Brasil, porém poucas delas conseguem chegar a atingir o nível de jogadores profissionais e uma pequena parcela serão jogadores que jogaram em níveis de grandes equipes europeias, sendo reconhecidos mundialmente.

As transferências de jogadores de futebol foram ficando cada vez mais flexíveis e cresceram a partir da legislação, tomando-se como base as leis Zico e Lei Pelé, que foram garantindo maiores direitos aos jogadores sobre o seu passe e desse modo, os vínculos contratuais com os clubes formadores passaram a ficar mais flexíveis (Araujo, 2017, p.17).

A cada temporada, fica claro como os clubes europeus estão cada vez mais voltados para a juventude, buscando talentos ainda muito novos, com o objetivo de finalizar sua formação como jogadores na Europa e prepará-los para o mais alto nível do futebol. Exemplos como Endrick e Estevão, do Palmeiras, e Vinícius Júnior e Rodrygo, do Flamengo e Santos, mostram como esses clubes estão olhando para o futuro. Muitos desses jovens nem completaram 18 anos e já são vendidos, porque os clubes sabem que têm um potencial enorme pela frente. Para eles, não se trata apenas de ter bons jogadores no time, mas de investir em alguém que, com o tempo, pode se tornar uma estrela do futebol mundial. E, claro, há também a questão

¹¹ GOAL. Super Bowl, Copa do Mundo ou Liga dos Campeões: qual evento tem maior audiência no planeta. Goal, 2025. Disponível em: <https://www.goal.com/br/not%C3%ADcias/super-bowl-copa-do-mundo-ou-liga-dos-campeoes-qual-evento-tem-maior-audiencia-no-planeta/blte4afd89eb81e1148>. Acesso em: 20 jan. 2025.

¹² ESPIÃO ESTATÍSTICO. Times da Série A superam a marca de dois bilhões de reais em reforços no ano; veja quem mais gastou. Globo Esporte, 29 ago. 2024. Disponível em: <https://ge.globo.com/espiao-estatistico/noticia/2024/08/29/times-da-serie-a-superam-a-marca-de-dois-bilhoes-de-reais-em-reforcos-no-ano-veja-quem-mais-gastou.ghtml>. Acesso em: 20 jan. 2025.

financeira, porque ao apostar nesses talentos, os clubes sabem que podem colher frutos não apenas no campo, mas também no mercado. É uma aposta que envolve riscos, mas que, ao mesmo tempo, é uma forma de garantir que, lá na frente, esses jovens tragam grandes retornos, tanto para o time quanto para o próprio jogador. No fundo, é uma estratégia para olhar o jogo a longo prazo, não só como uma partida, mas como uma construção de futuro.

Em uma matéria publicada pelo GE (2024)¹³, o Chelsea foi destacado como o clube que mais gastou na última década, com impressionantes R\$17,2 bilhões em contratações. Juntas, as dez primeiras equipes do ranking somaram R\$106,3 bilhões em investimentos no mesmo período. Esses números revelam a magnitude do aporte financeiro necessário para que os clubes se mantenham competitivos no cenário global, disputando os principais títulos e atraindo grandes talentos. Vale ressaltar que esses valores não incluem os gastos com salários de jogadores e funcionários, nem as despesas com a manutenção das infraestruturas de treinamento e estádios, que também são essenciais para o funcionamento e crescimento das equipes. As grandes equipes de futebol são compostas por jogadores de diferentes países, refletindo um fenômeno global.

Como destaca Rial (2009, p. 4), "o sistema futebolístico aqui, assim como em outras áreas, antecipa dinâmicas sociais de globalização". Esse movimento, em que talentos de diversas partes do mundo se reúnem em clubes de elite, não só fortalece a competitividade das equipes, mas também evidência como o futebol se conecta às transformações globais, refletindo as trocas culturais e econômicas que moldam nossa sociedade. É notório que o futebol europeu ainda tem uma grande vantagem econômica em relação ao futebol brasileiro.

Os clubes europeus se consolidaram como marcas globais, com um alcance midiático que ultrapassa fronteiras geográficas, graças ao seu enorme poder de atração e visibilidade. Esse *status* proporciona aos jogadores a oportunidade de disputar uma das competições mais prestigiadas do mundo: a UEFA Champions League. A participação nesta competição, além de ser um marco esportivo, também potencializa a projeção da marca do clube e a valorização individual dos atletas, em

¹³ GE. "Chelsea é o clube que mais gastou em reforços na última década: R\$ 17 bilhões." *Globo Esporte*, 8 set. 2024. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2024/09/08/chelsea-e-o-clube-que-mais-gastou-em-reforc-os-na-ultima-decada-r-17-bilhoes.ghtml>. Acesso em: 20 jan. 2025.

um cenário altamente competitivo e de visibilidade internacional. O alto nível de exposição que esses clubes oferecem atrai não apenas investimentos, mas também talentos de diferentes partes do mundo, reforçando a dimensão global do futebol.

Outra vertente do consumismo que podemos observar é a partir dos torcedores que, por conta de sua paixão, são induzidos a consumir cada vez mais produtos que seu time do coração vende. Hoje em dia as equipes diversificaram muito na oferta de produtos para consumo dos torcedores. Vai desde as clássicas camisetas até agências de viagens que vendem viagens para o torcedor acompanhar seu time em jogos em outros estados ou países. O protagonismo, antes atribuído a paixão dos torcedores, vem cedendo espaço para o conforto e o espetáculo, deslocando o foco da paixão para o consumo. A espetacularização do esporte tem gerado novas formas de expressar o apoio às equipes. Nas arquibancadas dos estádios, observa-se um comportamento cada vez mais comum, que envolve tirar fotos, gravar vídeos e, com a popularização de aplicativos de vídeos curtos, até mesmo realizar as famosas "dancinhas do TikTok"¹⁴. Esse fenômeno levanta um novo debate sobre o modo de torcer, com torcedores mais tradicionais e apaixonados, que frequentam os estádios há anos, rotulando a nova geração como "nutella"¹⁵, em uma luta pela preservação dos torcedores "raízes" que priorizam o jogo e o apoio incondicional ao seu time.

É possível constatar que o adepto pode assumir um comportamento em relação ao torcer, bem próximo ao ato de consumir qualquer outro tipo de lazer e não ser impulsionado fundamentalmente por seu ímpeto sentimental com o seu clube preferido. A não conquista de uma vitória ou de um título é capaz de fomentar no indivíduo a ideia de que foi lesado, que adquiriu um produto defeituoso onde pagou o ingresso para adentrar o estádio - por algo que não funciona (Teixeira, 2017, p 29).

O filósofo francês Guy Debord, em sua obra *A Sociedade do Espetáculo* (1967), argumenta que, na sociedade contemporânea, as relações sociais e culturais são mediadas pelas imagens e pela aparência, afastando as pessoas de uma compreensão mais autêntica da realidade e transformando tudo em um produto

¹⁴ As dancinhas do aplicativo de compartilhamento de vídeos Tik Tok são coreografias curtas que são gravadas e exibidas, na maioria, por pessoas jovens, no ritmo de alguma música popularmente conhecida.

¹⁵ São chamados torcedores "nutella", os torcedores que preferem o espetáculo e o confronto ao jogo e apoiar a equipe.

consumível. Essa crítica encontra eco no futebol atual, que deixou de ser apenas um jogo para se tornar um espetáculo global. A experiência do torcedor ultrapassa o simples ato de assistir ao jogo. As modernas arenas são projetadas para atender a um consumidor exigente, oferecendo camarotes luxuosos, salas *VIP* para convidados, restaurantes de alto custo e outras comodidades que transformam o esporte em um evento de entretenimento. Paralelamente, a cobertura midiática em grandes competições desempenha um papel central na espetacularização do futebol. Com o apoio de marcas globais, cria-se o imaginário de que consumir esse produto – seja por meio de ingressos, transmissões ou merchandising – é imprescindível.

Debord (1967) descreve o conceito de "monopólio da aparência", no qual apenas o que é amplamente visível é valorizado. Esse fenômeno é evidente no futebol globalizado, onde competições como a Premier League inglesa dominam a atenção e os recursos financeiros, aumentando a desigualdade em relação a ligas menores que não conseguem oferecer o mesmo nível de espetáculo. Essa concentração de visibilidade e capital reforça a lógica de mercado no esporte. Nesse contexto, o torcedor tradicional, antes movido exclusivamente pela paixão, é transformado em um consumidor passivo. Influenciado pelo bombardeio de informações e publicidade, ele consome produtos como camisetas, transmissões pagas e ingressos caros sem questionar o impacto disso na essência do futebol. A mercantilização do esporte altera sua natureza, substituindo o "valor emocional" pelo "valor de mercado" e reduzindo a relação torcedor-clubes a uma transação comercial.

Segundo o antropólogo Antônio Oswaldo Cruz (2005), o estádio está em um processo de transformação, deixando de ser acessível a todos, se voltando para um torcedor mais endinheirado. O público antes visto como torcedor, movido pela paixão do clube, agora é visto como consumidor de um produto que é o centro de um mercado que gera bilhões de lucro ao redor do mundo. Segundo Christopher Gaffney, em uma reportagem¹⁶ publicada pela *apublic.org*, em 23 de agosto de 2013, as novas arenas alteram o comportamento do torcedor.

É a domesticação da experiência pública. Você se sente mais em casa, mais relax, você senta na cadeira com encosto, com um drink na mão e assiste o jogo com uma atitude mais passiva. O torcedor

¹⁶ GAFFNEY, Christopher. As novas arenas alteram o comportamento do torcedor. *Apublic.org*, 23 ago. 2013. Disponível em: <https://apublic.org>. Acesso em: 16 jun. 2024.

apaixonado que usa ou usava o estádio como lugar de solidariedade social, que deixava as frustrações da semana lá no estádio, xingando o árbitro, ele não vai ter mais essa escolha, porque não vai poder pagar (Gaffney, 2013).

Mesmo os estádios, que sempre pareceu ser um reduto da democratização do acesso, onde todos poderiam ser iguais por 90 minutos, há também o que Curi(2013) chama de hierarquização do espaço. As pessoas são divididas de acordo com seu poderio econômico.

Entretanto, temos de insistir em discordar dessa hipótese. O espaço dos torcedores é hierarquicamente dividido em setores mais caros, mais baratos e setores para os quais apenas convidados têm acesso. Os torcedores sabem muito bem onde estão os poderosos e que o lugar deles é inalcançável. Ao que parece, os jogos de futebol são ritos que reforçam a hierarquia existente ao invés de desafiá-la (Curi, 2013, p.71).

A citação de Bauman (2008) sobre o consumismo e o comportamento do consumidor pode ser expandida para refletir a forma como o futebol moderno tem sido consumido, especialmente em estádios. O autor aponta que, no contexto do mercado, o consumismo se caracteriza pela troca de mercadorias defeituosas ou insatisfatórias por algo mais novo e aperfeiçoado, algo que se aplica diretamente à experiência de muitos torcedores hoje em dia. Quando um time não atende às expectativas, especialmente em termos de vitórias, ele é visto como um "produto defeituoso", em vez de ser encarado com a paixão e o comprometimento típicos dos torcedores mais tradicionais. O futebol, antes alimentado pela emoção da torcida e pela identificação com a equipe, tornou-se cada vez mais associado a um tipo de consumo, onde a qualidade do "produto" oferecido (a performance do time) é constantemente avaliada.

Assim, a relação entre torcedor e clube se transforma: em vez de um vínculo afetivo, o que se observa é uma transação que exige resultados constantes, como se o time fosse uma mercadoria que deve "entregar" vitórias e performances satisfatórias para seu público. Quando esses resultados não são alcançados, surge a insatisfação, e o torcedor, agora um consumidor, pode até se sentir lesado, buscando "trocar" seu time ou descontentar-se com sua performance. Neste cenário, a paixão histórica pela equipe, que antes impulsionava o torcedor a ir ao estádio independentemente dos resultados, vai cedendo espaço para uma mentalidade mais utilitária, onde o torcedor,

como consumidor, espera algo em troca de seu tempo e dinheiro. A experiência no estádio, portanto, deixa de ser apenas sobre a vivência da emoção do jogo para se tornar uma questão de satisfação com o serviço prestado pela equipe e sua administração. O futebol se transforma, então, em mais um produto no mercado, e o torcedor, que antes era um apaixonado fiel, se vê cada vez mais como um consumidor exigente, que demanda uma "qualidade" que atenda suas expectativas pessoais e econômicas.

O futebol, desde sua popularização, tem desempenhado um papel crucial como meio de inclusão social, oferecendo oportunidades para que os jogadores ascendam socialmente e proporcionando entretenimento acessível para pessoas de diferentes camadas socioeconômicas. No entanto, recentemente, observa-se uma dicotomia entre a percepção de elitização do esporte e a fervorosa paixão dos torcedores, o que levanta questões fundamentais sobre a natureza do futebol como fenômeno cultural e social.

O jornalista Mauro Cezar Pereira¹⁷ destaca a importância da comunidade e da identidade compartilhada entre os torcedores, transcendendo barreiras sociais e econômicas. Ele ressalta que um dos maiores prazeres para o torcedor está em estar no meio de seus pares, compartilhando o mesmo sentimento de paixão pelo time. É notável observar que os estádios ao redor do mundo estão se tornando cada vez mais silenciosos. O torcedor, que antes desempenhava um papel essencial e vibrante no espetáculo esportivo, está se transformando em um consumidor mais passivo. Esse fenômeno resulta em um impacto reduzido no ambiente dos estádios, que costumavam ser palcos de uma atmosfera vibrante e cheia de energia. Diversos fatores contribuem para essa mudança. A evolução das tecnologias de transmissão e a crescente oferta de entretenimento esportivo em casa têm mudado a maneira como os torcedores interagem com os eventos. As comodidades modernas nos estádios, como assentos mais confortáveis e áreas VIP, também alteraram a dinâmica entre os fãs e o jogo. Segundo Mascarenhas (2019):

O processo de reforma dos estádios almeja trocar a figura do "torcedor" (emocional, intenso, excitado, agressivo, viril) pelo "consumidor", geralmente de média ou alta renda, mais sereno, que

¹⁷ PEREIRA, Mauro Cesar. *Palmeiras, Racing e o direito de torcer, no estádio, nas ruas, onde for*. YouTube, 31 jan. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DMLRS5saUks>. Acesso em: 1 fev. 2025.

aporta nos estádios em família, disposto a assistir passiva e confortavelmente um “espetáculo” repleto de “astros” midiáticos. O torcedor, ao contrário, sofre, grita, reclama, reivindica, ameaça e se articula coletivamente com estranhos. Ele quer ser protagonista do evento, ao qual contribuiu com sofrido dinheiro e paixão fiel ao seu clube. O consumidor, solitário ou imerso em seu pequeno e “fechado” grupo, contempla, aplaude, filma e fotografa o cenário. Uma experiência sem riscos, sem incertezas, adequada e altamente lucrativa para os donos do espetáculo (Mascarenhas, 2019, n.p.).

Além disso, a comercialização crescente dos eventos esportivos e a transformação dos estádios em arenas multifuncionais, onde o esporte é apenas uma parte do entretenimento oferecido, têm impactado a experiência do espectador. A sensação de comunidade e a paixão coletiva que antes definiam o ambiente nos estádios agora são mais raras, com muitos torcedores preferindo a conveniência de assistir aos jogos de casa. Embora alguns clubes tenham adotado medidas para ampliar o acesso ao estádio, como campanhas de ingressos populares, essa inclusão nem sempre se traduz em maior poder de decisão para os torcedores.

5.1. GENTRIFICAÇÃO DO FUTEBOL

O conceito de gentrificação foi criado pela socióloga inglesa Ruth Glass(1964), inspirada pelas mudanças que testemunhava em Londres. Ruth observou que bairros outrora habitados por famílias de baixa renda estava sendo revitalizados, mas essa transformação trouxe consigo um efeito colateral doloroso: os moradores originais, que tinham suas vidas e histórias profundamente enraizadas nesses lugares, foram forçados a se mudar. Novos moradores, geralmente de classes sociais mais altas, começaram a ocupar esses espaços, transformando a dinâmica das comunidades (Alcântara, 2018). Conforme Alcântara (2018):

Esses processos de gentrificação têm sido classificados como “culturais” ou “socioculturais”, já que formulados com base em transformações sofridas pelas grandes metrópoles após o declínio do modelo econômico industrial e da ascensão do setor de serviços, verificado a partir dos anos 1970 (Alcântara, 2018, p.2).

Nos últimos anos, os processos de gentrificação urbana e exploração turística têm operado de forma concomitante em diversas cidades, transcendendo os limites dos espaços tradicionalmente reconhecidos como destinos turísticos. Historicamente

associados a balneários, cidades serranas ou áreas de significância histórica e arquitetônica, esses locais têm sido progressivamente afetados pela crescente influência da gentrificação, que resulta na expulsão dos residentes para dar lugar a empreendimentos voltados ao turismo e à especulação imobiliária (Santos, 2019). Embora o fluxo de visitantes nesses locais não tenha diminuído, a gentrificação tem remodelado suas características demográficas e socioeconômicas, transformando comunidades locais em hospedagens destinadas aos turistas. É notável a emergência de novos destinos que agora integram a rota global do turismo, impulsionados por intervenções cada vez mais incisivas, especialmente ao longo das últimas décadas do século XX. Essa tendência não apenas amplia o leque de opções para os viajantes, mas também marca uma nova fronteira no panorama urbano, conferindo um novo protagonismo e legitimando práticas urbanas específicas.

No contexto do futebol, o fenômeno da gentrificação manifesta-se na exclusão de parcelas da população dos espaços nos estádios de futebol devido aos crescentes custos associados à participação nesses eventos esportivos (Oliveira, 2019). Observa-se uma tendência de aumento significativo nos valores dos ingressos para partidas de futebol, o que tem contribuído para a marginalização de determinados grupos socioeconômicos e a elitização desses espaços de entretenimento. Esse movimento está levando à uniformização do público nos estádios, favorecendo o turismo de pessoas que, embora não sejam necessariamente torcedoras do clube, apreciam o entretenimento proporcionado pelo esporte.

No entanto, essa tendência também marginaliza uma certa camada da população, tradicionalmente ligada aos clubes, que pode ser excluída devido ao aumento dos preços e à comercialização excessiva dos eventos. Como resultado, muitos torcedores locais, que historicamente compunham a base dos fãs, podem se ver afastados das arquibancadas, transformando a experiência do estádio em um luxo acessível apenas a uma parcela mais privilegiada da sociedade.

Os clubes de futebol frequentemente justificam os aumentos nos preços dos ingressos como uma medida necessária para manter a competitividade e a excelência das equipes, argumentando que a ampliação da receita é fundamental para sustentar as operações e os investimentos exigidos pelo esporte de alto rendimento. Em uma entrevista concedida ao portal GE, a presidente do Palmeiras, Leila Pereira, argumentou que o futebol é intrinsecamente elitizado e que os valores dos ingressos não são necessariamente exorbitantes. Ela destacou que, apesar da popularidade do

esporte, o futebol tornou-se elitizado devido aos altos investimentos necessários para manter um time competitivo e campeão. Essa perspectiva ressalta a complexidade financeira por trás do espetáculo esportivo, onde os custos de operação e contratação de talentos muitas vezes requerem investimentos substanciais. O ex-presidente do Atlético Mineiro, Alexandre Kalil¹⁸, também defendeu os valores altos de ingressos comercializados no país. Em suas palavras:

No mundo inteiro, futebol não é coisa para pobre. Doa a quem doer. Ingresso é caro em todo lugar. Torcida dividida e entrada a preço de banana estragada só existem no Brasil. O Atlético coloca ingresso a 20 reais e não lota o estádio. Futebol não é público, não é forma de ajuda social (Kalil, 2017).

No entanto, essa abordagem tem levantado preocupações significativas sobre a acessibilidade ao futebol como forma de lazer e entretenimento para toda a comunidade, especialmente para aqueles com recursos financeiros limitados. De acordo com Moreira (2019), os defensores da modernização dos estádios buscam adequar o comportamento dos torcedores brasileiros, aproximando-o do perfil dos torcedores europeus, com destaque para os ingleses, que são a principal inspiração do modelo de modernização do futebol no Brasil. O ato de torcer também se modificou com as novas arenas como evidência Rampazzo:

Com o ingresso nominal e os assentos marcados a experiência torna-se individualizada, o anonimato some em meio à vigilância das câmeras e dos fiscais, e os torcedores à sua volta deixam de ser sua companhia para tornarem-se outros indivíduos isolados. A política do *all-seated* evidencia exatamente isso, a pessoa que está na sua frente não poderá levantar-se, pois, assim fazendo, ela poderá atrapalhar sua experiência obstruindo sua visão; se antes ela era uma aliada no ato de torcer, agora ela chega ao ponto de se tornar um incômodo, tal qual uma pessoa que fala muito durante uma sessão de cinema (Rampazzo, 2021, p.10).

A gentrificação nos estádios de futebol não se limita apenas à questão dos valores dos ingressos, mas também está intrinsecamente ligada a mudanças mais amplas no perfil demográfico dos frequentadores desses espaços. À medida que os custos aumentam, os estádios tendem a atrair um público mais homogêneo em termos

¹⁸ Alexandre Kalil, o presidente que virou prefeito: “O futebol brasileiro é uma piada”. EL PAÍS. 14 jul. 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/14/deportes/1500068233_300420.html. Acesso em: 1 fev. 2025.

de classe social, excluindo assim camadas menos privilegiadas da sociedade e reduzindo a diversidade e a representatividade nos estádios. É o que observa Pedro Oliveira (2015):

No futebol, a situação não é diferente. Clubes e federações defendem que o encarecimento dos ingressos é um imperativo dos novos tempos do futebol e que os altos valores seriam a única saída para clubes em dificuldades financeiras. Por trás de inúmeras justificativas, no futebol ou na gestão pública, escondem-se os reais interesses do aumento do preço dos ingressos em estádios ou de aluguéis em bairros centrais: excluir os mais pobres dos espaços públicos, trazer classes mais ricas para ocuparem o seu lugar com o objetivo de auferir lucros maiores, que serão privatizados em detrimento da coletividade (Oliveira, 2015, p.40).

Ainda, e segundo Oliveira (2015), os espaços em jogos considerados "menos importantes" permanecem parcialmente vazios, evidenciando os limites de uma modernização incompleta. Por um lado, as classes mais altas mostram pouco interesse em partidas sem apelo decisivo, em parte devido à ausência de padrões adequados de conforto e segurança na experiência de assistir aos jogos no Brasil. Por outro, as classes sociais mais baixas enfrentam barreiras financeiras que as afastam dos estádios.

Os arredores dos estádios frequentemente se tornam palco de conflitos e disputas envolvendo dirigentes, o poder público e os torcedores. Um exemplo marcante disso é mostrado em um vídeo do canal do YouTube *Peleja*, que aborda como as celebrações nos arredores do Allianz Parque, estádio do Palmeiras, foram interrompidas por uma ação conjunta de moradores da região, autoridades locais e até mesmo da diretoria do clube à época.

Essa mudança gerou grande insatisfação entre os torcedores, especialmente aqueles que não podiam arcar com o alto custo dos ingressos. Para muitos, estar nas ruas próximas ao estádio era a única maneira de se conectar com o time, criando um senso de pertencimento e comunidade que foi abruptamente retirado. Essa situação evidencia como decisões sobre o uso do espaço urbano em torno de arenas esportivas podem impactar diretamente a relação dos torcedores com seus clubes e seu direito de vivenciar a cultura do futebol. Além disso, reforça o debate sobre a elitização do esporte e o acesso às experiências que vão além do jogo em si, como a vivência coletiva e a celebração das torcidas.

Outro aspecto significativo da modernização dos estádios é o aumento notável da presença feminina. De acordo com Vilella (2021), a modernização trouxe maior sensação de segurança para as mulheres, resultado da instalação de inúmeras câmeras nas novas arenas, aliada à evolução do debate sobre misoginia, homofobia e racismo em nossa sociedade. No entanto, Vilella (2021) também destaca a prevalência da cultura cisnormativa nos estádios, exemplificada pelas "câmeras do beijo", muito populares em arenas dos Estados Unidos, que geralmente enfocam apenas casais heterossexuais e mostram nos telões apenas mulheres que se enquadram nos padrões de beleza impostos pela sociedade atual. Embora a diversidade tenha aumentado com a presença cada vez maior de mulheres nos estádios, esses espaços ainda permanecem predominantemente ocupados por uma elite branca e pela classe média alta (Vilella, 2021).

No documentário, *Adeus Geral: A Elitização do Futebol Brasileiro*, o jornalista Juca Kfoury enfatiza que a "geral" – um espaço historicamente democrático e acessível à população – foi extinta com a modernização dos estádios. Ele ressalta que essa transformação ocorreu sem qualquer consulta ou debate público, desconsiderando se essa mudança refletia, de fato, o desejo coletivo (2023, 00:08:13). Ainda no documentário, torcedores anônimos manifestam descontentamento com as cadeiras instaladas nas novas arenas, afirmando que elas limitam a celebração e a festa característica da torcida. Eles defendem a criação de um setor popular, sem cadeiras, que permita maior liberdade para a interação e expressão durante os jogos (2023, 00:14:08).

O jornalista Mauro Cezar Pereira também contribui para a discussão ao criticar os excessos na construção de estádios modernos, como os luxos desnecessários presentes no estádio do Corinthians, em Itaquera, que conta com pisos de mármore. Ele aponta que esses elementos elevam os custos de construção e manutenção, resultando no repasse dessas despesas aos torcedores, o que impacta negativamente o acesso popular ao futebol (2023, 00:15:37).

A redução do acesso a esses espaços pode comprometer não apenas a diversidade cultural nos estádios, mas também a conexão mais profunda entre o esporte e a comunidade. Contra esse cenário, vozes críticas argumentam em favor de estratégias que equilibrem a necessidade de sustentabilidade financeira dos clubes com a importância de manter o futebol como um esporte acessível e inclusivo.

Em outros países, como a Alemanha, a discussão sobre a inclusão de setores populares nos estádios está mais avançada, com exemplos como o *Signal Iduna Park*, do Borussia Dortmund, que disponibiliza lugares populares a preços acessíveis. Em 2023, os estádios Arena Fonte Nova, em Salvador, e Ligga Arena (antiga Arena da Baixada), em Curitiba, promoveram mudanças significativas em setores tradicionalmente ocupados por torcidas organizadas, visando atender às demandas desses grupos e aprimorar a experiência dos torcedores.

Na Arena Fonte Nova, foram removidos 1.059 assentos do bloco central (116) do setor norte inferior, área historicamente ocupada pela Torcida Bamor. Essa alteração foi autorizada pelo governador da Bahia, Jerônimo Rodrigues, após reunião com o presidente do Esporte Clube Bahia, Guilherme Bellintani, e o presidente da Bamor, Half Silva, com o objetivo de reduzir os prejuízos causados por danos às cadeiras e atender a uma antiga solicitação da torcida. Para garantir a segurança e o conforto dos torcedores, o espaço passou a contar com numeração indicativa e barras de proteção (Em cima do lance, 2023). De forma semelhante, o Athletico Paranaense iniciou a remoção dos assentos do setor Buenos Aires inferior, tradicionalmente ocupado pela torcida organizada Os Fanáticos.

Essa mudança, iniciada em abril de 2023 e implementada antes da final do Campeonato Paranaense, visou atender a um pedido antigo da torcida. Além da retirada das cadeiras, o clube anunciou a instalação de vidros para isolar o setor, buscando aumentar a segurança e evitar invasões de campo, como as ocorridas durante o clássico Athletiba (Um dois esporte, 2023). Embora essas iniciativas promovam a oferta de ingressos a preços acessíveis, elas podem, inadvertidamente, fomentar um novo processo de gentrificação interna nos estádios. Ao isolar e destinar áreas específicas com infraestrutura inferior para torcedores de baixa renda, cria-se uma divisão: apenas aqueles que conseguem pagar preços mais elevados terão acesso a setores com condições melhores. Essa diferenciação pode contribuir para a segregação socioespacial dentro dos estádios, marginalizando os públicos de menor poder aquisitivo e reforçando desigualdades na experiência dos torcedores.

A dinâmica em evolução do cenário esportivo reflete não apenas as mudanças nos hábitos dos torcedores, mas também as transformações na indústria do entretenimento esportivo. Esse novo panorama impulsiona a reflexão sobre como equilibrar a modernização do acompanhamento esportivo com a preservação das

tradições e do fervor genuíno dos torcedores, garantindo que o esporte continue sendo uma experiência autêntica e acessível para todas as gerações.

5.2. FINANCEIRIZAÇÃO E “SPORTWASHING” NO FUTEBOL

O economista Luiz Gonzaga Belluzo (1998) afirma que contemporaneidade das economias abertas é marcada por um processo de financeirização que redefine as relações macroeconômicas tradicionais. Esse fenômeno se manifesta na crescente influência dos fluxos de capitais financeiros, que operam de forma intensa e acelerada entre mercados nacionais, moedas e diferentes classes de ativos. Em regimes cambiais flutuantes ou de variação administrada, as decisões de investimento e consumo passam a ser fortemente condicionadas pelas rápidas mudanças nas expectativas dos agentes de mercado, evidenciando a predominância dos ativos financeiros na configuração do ambiente econômico. Tal dinâmica exige uma nova abordagem para a macroeconomia aberta, em que a centralidade do setor financeiro é reconhecida como fator determinante das estratégias e políticas econômicas contemporâneas.

Segundo Santos (2014), a primeira experiência de mercantilização do futebol foi quando a popularidade do esporte aumentou, atraindo cada vez mais espectadores, assim resultando na cobrança dos ingressos para ir aos estádios. Agora se criava um evento chamado “jogo de futebol”.

Segundo Ferreira (2018), dois elementos fundamentais para consumir o processo de financeirização do futebol foram: a entrada do brasileiro João Havelange no comando da FIFA e o ressurgimento do capital portador de juros, principalmente após os anos 1980. João Havelange foi o primeiro não europeu a ocupar o cargo de presidente da entidade máxima do futebol. Seu principal objetivo era criar um império futebolístico, sendo uma de suas frases mais notáveis: “Vim para vender o produto chamado futebol”. Seu período na presidência da FIFA é marcado por diversas polêmicas como, segundo uma reportagem da BBC¹⁹, a forma agressiva com que

¹⁹ BBC. As polêmicas que marcaram a carreira de João Havelange. *BBC Brasil*, 3 ago. 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-37100616>. Acesso em: 18 dez. 2024.

atuou na campanha presidencial da entidade e escândalos de corrupção envolvendo também o presidente da CBF na época, Ricardo Teixeira.

O advento das transmissões futebolísticas pela televisão representou um marco significativo na transformação do esporte em um produto de alto valor comercial. A Copa do Mundo de 1970, a primeira a ser transmitida via satélite e em cores, desempenhou um papel fundamental na consolidação do futebol como um fenômeno global e comercialmente lucrativo (Franco Júnior, 2007). Este evento não apenas ampliou a audiência global do futebol, mas também reforçou sua presença no mercado internacional, destacando-se como um dos pilares da cultura esportiva contemporânea. A cobertura televisiva em cores permitiu uma experiência visual mais envolvente, aumentando o apelo do esporte para espectadores e patrocinadores, e contribuindo para a sua popularização e valorização comercial.

A entrada do capital estrangeiro no futebol brasileiro teve início na década de 1990, marcando uma nova era de investimentos no esporte. Grupos empresariais globais, como a Parmalat, que investiu em clubes como Palmeiras e Juventude, e a General Motors, que aportou recursos no Grêmio e no Internacional, são exemplos notáveis desse movimento (Guaragna, 2005). Atualmente, a modernização do futebol brasileiro é conduzida pelo Estado, através de leis que abrem a possibilidade para que o mercado conduza esse novo processo. No entanto, há uma preocupação de que as empresas capitalistas estejam se unindo para impingir uma marca distintiva de modernização conservadora em nosso futebol. Se a modernização dos tempos atuais no futebol brasileiro é aquela definida por Weber (1905) como a busca pela eficiência, que na moderna lógica capitalista, requer também qualidade e resultados, percebe-se que ela foi se transmutando durante o tempo.

Essas empresas identificaram no futebol um mercado influente e promissor para a realização de seus investimentos. O influxo de capital estrangeiro transformou não apenas a estrutura financeira dos clubes brasileiros, mas também contribuiu para a profissionalização e a internacionalização do futebol no país, consolidando-o como um setor atrativo para investidores globais. Em um mundo cada vez mais globalizado, as marcas veem na paixão gerada pelo futebol uma oportunidade extremamente lucrativa para a popularização de seus produtos e serviços.

Esse processo de transformação e investimento culminou na "financeirização" do futebol, exemplificada pela ascensão das Sociedades Anônimas de Futebol (SAFs). As SAFs estão revolucionando o modelo tradicional do esporte, que era

baseado em associações. Luiz Gonzaga Belluzzo²⁰ destaca que, embora a injeção de capital privado traga inúmeros benefícios, é crucial preservar a dimensão popular do futebol, fundamental para a identidade e a história de cada clube. Portanto, a integração de capital privado deve ser equilibrada com a manutenção dos valores e tradições que tornam o futebol uma parte essencial da cultura e da comunidade.

A entrada de investidores privados na gestão dos clubes, por meio de modelos como a Sociedade Anônima de Futebol (SAF), também tem sido apontada como um fator que contribui para a elitização do futebol. Ao priorizar o lucro e a rentabilidade financeira, esses investidores muitas vezes tomam decisões que estão em desacordo com os interesses dos torcedores e da comunidade local. Em matéria publicada pelo [brasildefatombg.com.br](https://www.brasildefatombg.com.br)²¹ em 08 de novembro de 2023, André Quintão diz:

O que dá para relacionar a SAF com o aumento do ingresso são questões que também discutimos sobre a privatização de empresas estatais. Com a SAF, existe uma promessa de uma gestão empresarial profissional que vai trazer benefícios para os torcedores e para a população em geral. Porém, a partir do momento que alguém compra o time, os donos têm que retirar do lucro do clube para recuperar o dinheiro investido (Quintão, 2023).

Atualmente, América Mineiro, Atlético Mineiro, Bahia, Botafogo, Coritiba, Cruzeiro, Cuiabá e Vasco da Gama são os clubes brasileiros que implementaram o modelo de Sociedade Anônima de Futebol (SAF). Esse modelo tem gerado debates tanto entre os torcedores quanto entre especialistas sobre o futuro das SAFs no Brasil.

Existem, essencialmente, dois tipos de investidores relevantes para discussão nas SAFs: os torcedores do clube que possuem grandes fortunas e desejam investir em suas equipes de coração, e os grandes conglomerados internacionais que operam em diversos continentes. No Brasil, há dois modelos de Sociedade Anônima do Futebol (SAF) em vigor, sendo o da Red Bull um dos mais discutidos. A empresa, que possui clubes em diversas partes do mundo, adquiriu no Brasil um time tradicional do interior de São Paulo, reformulando completamente sua identidade visual e estrutura. Na Alemanha, o caso do Red Bull Leipzig também é alvo de críticas por parte de

²⁰ FUTEBOTECO. *TOMANDO UMA COM... BELLUZZO #94*. YouTube, 31 jan. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SJtvGdLTsg0>. Acesso em: 1 fev. 2025.

²¹ André Quintão, "Como a Arena MRV e a SAF estão deixando o Galo longe da massa", *Brasil de Fato MG*, 8 nov. 2023. Disponível em: <https://www.brasildefatombg.com.br/2023/11/08/como-a-arena-mrv-e-a-saf-estao-deixando-o-galo-longo-da-massa>. Acesso em: 31 jan. 2025.

torcedores de outros clubes da liga. Isso ocorre devido à regra do "50+1", que exige que a associação do clube seja proprietária total ou majoritária da equipe de futebol, preservando o controle dos torcedores sobre as decisões do clube

Outro exemplo proeminente é o City Football Group, que controla 13 clubes em vários países. Este grupo é controlado pelo sheik Mansour bin Zayed Al Nahyan, membro da família real de Abu Dhabi, e é conhecido por sua abordagem estratégica de investimentos em futebol, visando tanto o desenvolvimento esportivo quanto a expansão de sua marca globalmente. Além de ampliar sua visibilidade global, um aspecto crucial da expansão de grandes conglomerados internacionais é o fenômeno do "sportwashing". Esse conceito se origina do "greenwashing", no qual empresas adotam práticas ambientais superficiais para melhorar sua imagem pública e obter vantagens comerciais (Sá, 2023). O "sportwashing" funciona de maneira semelhante, utilizando investimentos em esportes para desviar a atenção de práticas e políticas controversas dos investidores.

O caso mais ilustrativo de "sportwashing" é a estratégia adotada pela monarquia absolutista da Arábia Saudita. O governo saudita tem investido substancialmente na modernização e expansão da infraestrutura esportiva, incluindo a construção de estádios de última geração e centros de treinamento. Além disso, o regime saudita lançou um ambicioso plano de investimento em clubes de futebol, que inclui a aquisição de estrelas globalmente reconhecidas e a promoção de eventos esportivos de alto perfil, como a Copa do Mundo de 2030 que já foi anunciada no país.

Esse esforço tem um objetivo claro: desviar o foco das críticas internacionais sobre as reiteradas denúncias de violações dos direitos humanos na Arábia Saudita. Organizações não governamentais e grupos de direitos humanos frequentemente apontam para a repressão política, a falta de liberdade de expressão e outras práticas autoritárias que ocorrem no país. Ao investir pesadamente em esportes e atrair a atenção para o espetáculo esportivo, o governo saudita tenta projetar uma imagem de modernidade e dinamismo, minimizando assim a visibilidade das suas questões internas problemáticas. É fundamental compreender que, no caso da Arábia Saudita, a anuência do Ocidente desempenha um papel crucial. O país é um importante parceiro comercial dos Estados Unidos e, por isso, não está sujeito às mesmas regras ou pressões enfrentadas por outros países com regimes absolutistas. Essa relação

evidencia como interesses econômicos e geopolíticos podem influenciar a forma como determinadas nações são tratadas no cenário internacional.

Esse uso estratégico dos esportes como uma ferramenta de marketing político não é exclusivo da Arábia Saudita. Outras nações e entidades também têm adotado práticas semelhantes, investindo em eventos esportivos e clubes para melhorar sua imagem global e influenciar a percepção pública. O “sportwashing” evidencia a crescente intersecção entre esportes e política, revelando como o poder financeiro pode ser empregado para moldar a percepção internacional e desviar a atenção de questões éticas e direitos humanos.

Essa dualidade de investidores levanta questões importantes sobre o controle e a identidade dos clubes. Enquanto alguns veem a entrada de grandes conglomerados como uma oportunidade para modernização e crescimento econômico, outros expressam preocupações sobre a perda de identidade e autonomia dos clubes tradicionais. Além disso, a eficácia do modelo SAF em trazer benefícios sustentáveis a longo prazo para os clubes brasileiros ainda está em avaliação, com a comunidade futebolística atenta aos resultados que esses investimentos trarão tanto dentro quanto fora dos campos.

A busca desenfreada pelo lucro está alimentando um debate entre jogadores e dirigentes sobre o calendário do futebol. As federações têm criado cada vez mais competições visando aumentar seus ganhos, muitas vezes sem priorizar o bem-estar dos atletas. O exemplo mais recente é o novo Mundial de Clubes, organizado pela FIFA, que será disputado pela primeira vez em 2025. A preocupação dos jogadores com a redução do tempo de férias e o aumento significativo no número de jogos vem crescendo. Rodrigo, jogador do Manchester City, chegou a declarar que uma greve dos atletas pode se tornar inevitável. No entanto, o tema é complexo, pois para uma greve acontecer, seria necessário o alinhamento de todos os jogadores profissionais, e apenas uma pequena parcela desses atletas, que recebem salários milionários, estaria disposta a enfrentar as federações.

5.2.1. A RELAÇÃO ENTRE CUSTO TORCEDOR E A RENDA SALARIAL DOS FREQUENTADORES.

Conforme dados divulgados pela CBF (2023), o Campeonato Brasileiro de 2023 alcançou a maior média de público em sua história, registrando 26.524 pagantes por jogo. Esse feito superou o recorde anterior de 22.953 pagantes, estabelecido na edição de 1983. No entanto, esse sucesso aparente levanta um dilema significativo: a lotação dos estádios versus a marginalização do público de baixa renda. O aumento de público pode ser atribuído, em grande parte, às políticas adotadas pelos clubes para atrair os torcedores aos estádios. Um exemplo notável é o programa de sócio-torcedor, que, mediante uma contribuição mensal, garante aos torcedores acesso às partidas mais importantes da temporada. A pesquisa da Pluri Consultoria, destaca um aumento de 300% no preço médio dos ingressos mais baratos no Campeonato Brasileiro em uma década, contrastando fortemente com a taxa de inflação de 90% no mesmo período.

De acordo com uma reportagem²² do Exame, de novembro de 2023, Palmeiras e Internacional lideram em número de sócios-torcedores ativos. Além disso, um estudo conduzido pela Pluri revela que o Campeonato Brasileiro é uma das principais competições de futebol do mundo, em termos de público e valor de mercado dos clubes participantes. O torneio brasileiro é o quinto em média de torcedores globalmente, sendo superado apenas pelas ligas alemã, inglesa, espanhola e italiana. Entre os anos de 2021 e 2022, o Campeonato Brasileiro ocupa a sexta posição em termos de aumento de média de público em escala global.

Outra análise da Pluri, datada de 23 de novembro de 2023, classifica o Campeonato Brasileiro como o sétimo campeonato nacional mais valioso do mundo, com base no valor de mercado dos elencos dos clubes participantes. Neste *ranking*, a *Premier League* inglesa destaca-se em primeiro lugar, seguida pela *LaLiga* espanhola, evidenciando os esforços da Inglaterra em globalizar sua liga e atrair investimentos e público internacional. No cenário nacional, o Flamengo lidera a média de renda dos clubes brasileiros, com uma média de R\$3.660.798 por partida, seguido por São Paulo (R\$2.514.772) e Palmeiras (R\$2.416.475). Notavelmente, o Palmeiras, apesar de ocupar a quinta posição em média de público, figura entre os três primeiros em relação à renda média. Além disso, Flamengo e São Paulo lideram a categoria de

²² SANTOS, Mariana. Adversários deste sábado, Palmeiras e Internacional lideram ranking de sócios no Brasil. *Exame*, 11 nov. 2023. Disponível em: https://exame.com/esporte/adversarios-deste-sabado-palmeiras-e-internacional-lideram-ranking-de-socios-no-brasil/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 24 jan. 2025.

público médio em 2023. Uma matéria do GE²³ analisou as rendas de público dos clubes da Série A do Campeonato Brasileiro de 2024, destacando um dado interessante sobre o Palmeiras. Apesar de possuir apenas a oitava maior média de público da competição, o clube alcançou a terceira maior renda bruta total, ficando atrás de Flamengo e Corinthians.

O ticket médio do Palmeiras foi de R\$83,91, significativamente superior ao de São Paulo (R\$65,49) e Corinthians (R\$57,32). O Flamengo liderou tanto em público quanto em renda, com uma renda bruta total de R\$ 59.579.266 em 19 jogos, resultando em uma média de R\$3.135.751 por partida. Já o Palmeiras registrou uma renda total de R\$ 49.509.851 em 19 jogos, com média de R\$ 2.605.782 por partida. O Corinthians acumulou R\$ 48.476.460 em renda bruta total, também em 19 jogos, com média de R\$ 2.551.393 por jogo. Esses dados evidenciam a relevância do ticket médio na geração de receitas, demonstrando que, mesmo com uma média de público inferior, o Palmeiras conseguiu alcançar uma renda significativa devido ao valor mais elevado dos ingressos.

Na final da Copa do Brasil, de 2024, entre Flamengo e São Paulo, a equipe carioca gerou controvérsia ao vender ingressos para a torcida visitante por R\$700,00. Essa prática provocou uma reação contundente de Vitor Birner, jornalista e comentarista da ESPN, que em um vídeo publicado no canal do YouTube²⁴ da emissora afirmou que "estão assassinando o futebol". Birner criticou duramente o alto preço dos ingressos, apontando que tal estratégia contribui para afastar o torcedor de classe média e baixa dos estádios, tornando o esporte menos acessível à população em geral. O jornalista também levantou um ponto importante sobre o modelo de clubes associativos no Brasil, que, embora sejam sem fins lucrativos, deveriam ter uma responsabilidade maior em devolver algo à sociedade.

Os clubes, ao adotarem esse modelo, recebem benefícios fiscais e uma série de vantagens por não visarem lucro, mas, segundo Birner, estão deixando de cumprir sua missão social ao adotar práticas que elitizam o futebol, afastando o público tradicional e popular. Ao cobrar preços exorbitantes pelos ingressos, especialmente

²³ "Flamengo lidera média de público do Brasileiro; Corinthians, São Paulo, Bahia e Atlético-MG no top 5", *GE*, 5 jul. 2024. Disponível em: <https://ge.globo.com/ba/futebol/brasileirao-serie-a/noticia/2024/07/05/flamengo-lidera-media-de-publico-do-brasileiro-corinthians-sao-paulo-bahia-e-atletico-mg-no-top-5.ghtml>. Acesso em: 31 jan. 2025.

²⁴ BIRNER, Vitor. *Estão assassinando o futebol?* 2024. Canal ESPN Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jKXYZ8MRgrU&t=201s>. Acesso em: 31 jan. 2025.

para jogos de grande porte como a final da Copa do Brasil, os clubes acabam excluindo uma parcela significativa de seus torcedores, o que vai contra o espírito inclusivo e acessível que deveria ser uma das marcas do esporte. Além disso, a crítica de Birner está alinhada com um movimento crescente de debate sobre a "gentrificação" do futebol.

A venda de ingressos a preços tão altos, especialmente para as torcidas visitantes, não só compromete a popularidade do esporte como também desconsidera o impacto cultural e social do futebol nas comunidades. Como clubes associativos, que têm vínculos estreitos com suas respectivas cidades e torcidas, a responsabilidade social deveria ser um pilar fundamental de suas ações, incluindo a oferta de ingressos acessíveis que permitam a todos os torcedores, independentemente de sua classe social, assistir e viver a emoção dos jogos. Além disso, a mídia e as transmissões televisivas têm desempenhado um papel importante na elitização, com a preferência por horários de jogos que atendam melhor aos interesses comerciais e televisivos, muitas vezes negligenciando as necessidades e a disponibilidade dos torcedores comuns.

Esses dados refletem não apenas a popularidade do futebol brasileiro entre os torcedores locais, mas também sua relevância no cenário internacional, demonstrando o potencial do Campeonato Brasileiro como um dos principais eventos esportivos do mundo.

Uma análise mais aprofundada sobre esses dados revelaria aspectos específicos relacionados à política de preços, ao desempenho dos times e ao comportamento do público, fornecendo insights valiosos sobre a dinâmica econômica no cenário do futebol brasileiro. Essas observações sublinham a importância de políticas inclusivas para garantir que o futebol permaneça acessível a todas as camadas sociais, enquanto se busca maximizar receitas e expandir a presença global do esporte. Segundo dados da Pluri Consultoria de 2023,

Palmeiras, Grêmio e Flamengo são os únicos clubes da Série A a figurarem entre os dez maiores valores de ticket médio dentre todas as equipes analisadas ao longo da temporada de 2023. – O Palmeiras se destaca como o clube da Série A com o valor mais alto, mantendo a posição desde junho, ocupando o quinto lugar no ranking geral. Com 25 jogos disputados em casa, o time paulista ostenta um ticket médio de R\$78,43. – Na sequência do ranking está o Grêmio, que ultrapassou o Flamengo e agora ocupa a nona posição no geral. O clube gaúcho, após 18 partidas como mandante, possui um ticket

médio avaliado em R\$68,82. – O Flamengo, último entre os três times da Série A no Top 10, fecha a lista. Com 25 jogos realizados em casa, o rubro-negro apresenta até o momento um ticket médio de R\$66,16 (Pluri, 2023).

De acordo com dados do Seade²⁵, a renda média da população da cidade de São Paulo é de R\$5.449,00. Observa-se, no entanto, um aumento de 6,8% no número de pessoas cadastradas no CadÚnico na cidade de São Paulo²⁶. Atualmente, 1,9 milhões de pessoas utilizam os benefícios fornecidos pelo governo, como o Bolsa Família, sendo que 800 mil dessas pessoas vivem em situação de extrema pobreza, com uma renda inferior a R\$218,00 por mês.

Segundo o Mapa da Desigualdade 2023, realizado pela Rede Nossa São Paulo, a desigualdade social na cidade é alarmante. No bairro Jardim Paulista, a expectativa de vida é de 59 anos, enquanto no Itaim Bibi, ela sobe para 82 anos. Esses dados destacam a profunda disparidade socioeconômica existente na capital paulista. As regiões onde se localizam o Allianz Parque e o Morumbi concentram uma infraestrutura mais desenvolvida e índices econômicos elevados, enquanto a NeoQuímica Arena está situada em uma área marcada por desafios socioeconômicos. Esses espaços revelam as profundas desigualdades e transformações urbanas que a cidade de São Paulo vive. Nos bairros onde estão localizados o Morumbi e o Allianz Parque, já se observa uma infraestrutura robusta que reflete altos índices econômicos entre as pessoas que frequentam e moram por lá.

Em contraste, a NeoQuímica Arena está situada em uma região que ainda enfrenta desafios estruturais antigos. Essa diferença vai além dos números e índices; ela toca a vida de pessoas e comunidades inteiras. Quando um estádio moderno surge em uma região já consolidada e com alto poder aquisitivo, as desigualdades existentes tendem a se aprofundar. Por outro lado, quando esse mesmo investimento acontece em áreas com desafios históricos, ele pode trazer uma esperança de renovação e atrair novos recursos. No entanto, essa mudança também carrega o risco da

²⁵ SEADE. *Renda média da população de São Paulo*. Disponível em: <https://trabalho.seade.gov.br/wp-content/uploads/2024/07/Seade-Trabalho-renda-desigualdade-renda-domiciliar-trabalho-estado-sao-paulo-2023-.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2025.

²⁶ MINISTÉRIO DA CIDADANIA. *Número de famílias cadastradas no CadÚnico*. G1. 31 jan. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2024/01/31/no-de-familias-em-situacao-de-pobreza-na-cidade-de-sp-inscritas-no-cadunico-sobe-68percent-em-2023-diz-ministerio.ghtml>. Acesso em: 31 jan. 2025.

gentrificação, um processo pelo qual os moradores de longa data, que não conseguem mais arcar com o custo crescente de viver na região, são gradualmente substituídos por pessoas com maior poder econômico, fazendo com que o bairro perca sua identidade e as histórias que o definem.

Além disso, a diferença salarial entre brancos e negros é outro importante faceta dessa desigualdade. De acordo com o IBGE²⁷, em 2021, uma pessoa branca ganhava, em média, 75,7% a mais do que uma pessoa negra. Essas disparidades refletem-se também nos estádios de futebol em São Paulo e em todo o Brasil. Atualmente, é possível perceber um processo de embranquecimento e elitização dos frequentadores dos estádios. O aumento dos preços dos ingressos e a criação de programas de sócio-torcedor, que frequentemente exigem contribuições mensais significativas, contribuem para essa exclusão social. Esse fenômeno de elitização e exclusão econômica não apenas altera a demografia dos torcedores presentes nos jogos, mas também afeta a atmosfera e a cultura dos eventos esportivos. Torcedores de baixa renda, que historicamente constituíram a base apaixonada e vibrante do apoio aos clubes, estão cada vez mais afastados dos estádios.

Essa exclusão tem implicações mais amplas para a sociedade. A presença diversificada nos estádios de futebol sempre foi um microcosmo da sociedade brasileira, refletindo suas complexidades e desigualdades. À medida que os estádios se tornam espaços mais elitizados, perde-se uma importante arena de convivência e interação social entre diferentes classes e raças. Em resumo, os dados destacam não apenas as disparidades econômicas e sociais de São Paulo, mas também como essas desigualdades se manifestam em espaços culturais significativos como os estádios de futebol. A crescente elitização dos estádios representa uma perda significativa para a cultura esportiva e para a sociedade.

Esses desenvolvimentos destacam a necessidade de políticas inclusivas que garantam o acesso ao esporte para todas as camadas sociais, preservando ao mesmo tempo a rica cultura futebolística do Brasil. A abordagem equilibrada entre a

²⁷ IBGE. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua - 2021*. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/carreira/renda-media-de-trabalhador-branco-e-757-maior-do-que-de-pretos-diz-ibge/>. Acesso em: 31 jan. 2025.

modernização do esporte e a manutenção de sua acessibilidade é crucial para que o futebol continue a ser uma fonte de orgulho e união para a sociedade brasileira.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O futebol brasileiro, em sua essência, é um espelho das contradições e potencialidades de um país marcado por desigualdades, mas também por uma capacidade criativa de resistência. Ao analisar fenômenos como a gentrificação dos estádios e a transformação do torcedor em consumidor, este trabalho evidenciou que o esporte, longe de ser um mero entretenimento, reflete disputas de poder, projetos econômicos excludentes e a luta pela preservação de identidades culturais. O Allianz Parque, assim como a Arena Corinthians, simboliza essa encruzilhada: enquanto se apresenta como ícone da modernidade, seu modelo de gestão e urbanização reforça dinâmicas de exclusão e esvaziamento simbólico.

A gentrificação associada a esses empreendimentos não se limita à esfera urbanística. Ela opera como um mecanismo de controle social, substituindo histórias coletivas por narrativas de consumo. O Allianz Parque, inserido em uma região já valorizada de São Paulo, acelerou processos de especulação imobiliária e segregou ainda mais o acesso ao futebol, privilegiando um público de alto poder aquisitivo. A arquitetura imponente do estádio, aliada à oferta de serviços premium, transformou o ato de torcer em uma experiência fragmentada, onde a lealdade ao clube é mediada por transações financeiras. Essa lógica, amplificada pelas SAFs e por parcerias público-privadas opacas, revela uma tensão irreconciliável entre o futebol como negócio e o futebol como patrimônio afetivo.

A ascensão do torcedor-consumidor, por sua vez, não é um fenômeno isolado: está vinculada à espetacularização midiática e à financeirização do esporte. Plataformas digitais e contratos bilionários com patrocinadores priorizam audiências globais em detrimento das bases locais, esvaziando o sentido comunitário das torcidas. No Allianz Parque, a regulamentação de bandeiras, a restrição a cânticos e a priorização de eventos corporativos ilustram como a "segurança" e o "conforto" são discursos que mascaram a domesticação da paixão popular. A violência nos estádios, frequentemente atribuída às torcidas organizadas, é sintoma de um mal maior: a frustração de quem se vê excluído do esporte que ajudou a construir.

Contudo, a resistência persiste. Movimentos contra a modernidade futebolística demonstram que a sociedade civil não aceita passivamente a mercantilização do futebol. O caso do Allianz Parque, com suas contradições entre modernidade e tradição, evidencia que mesmo em estádios elitizados a cultura popular encontra brechas: seja nas críticas das torcidas organizadas, seja nas manifestações artísticas das periferias que mantêm viva a relação afetiva com o clube. O futebol feminino, por sua vez, surge como um contraponto à lógica do lucro imediato, mostrando que investimentos em formação e visibilidade podem resgatar o esporte como ferramenta de transformação social. As propostas apresentadas neste trabalho — como a regulamentação das SAFs, a democratização da gestão e a criação de políticas públicas que incluam clubes às comunidades — não são utópicas. Elas partem do reconhecimento de que o futebol só permanecerá relevante se for capaz de equilibrar viabilidade econômica e responsabilidade social. O exemplo alemão dos clubes 50+1 prova que é possível conciliar investimento privado com controle popular, evitando que estádios se tornem “shoppings de luxo” desconectados de suas raízes. Por fim, este estudo reafirma que o futebol brasileiro não precisa negar sua complexidade para ser moderno. Sua força está justamente na capacidade de sintetizar tradição e inovação, desde que as mudanças não apaguem as vozes das arquibancadas.

Como alertou Nelson Rodrigues, perder a essência romântica do futebol é apagar parte da alma brasileira. Cabe às novas gerações garantirem que o esporte não seja refém de algoritmos ou contratos bilionários, mas continue a ser um espaço onde, mesmo nas adversidades, a bola role livre — não apenas como produto, mas como promessa de um país mais justo. O apito final ainda não soou. Resta saber se o futebol será salvo por quem o ama ou perdido por quem o explora. A resposta está em nossas escolhas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADEUS GERAL. Adeus Geral. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (42:28 min). Publicado pelo canal *Adeus Geral*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9dzo-pgoKLw>. Acesso em: 20 jan. 2025.

ALCÂNTARA, Maurício Fernandes de. 2018. "Gentrificação". In: **Enciclopédia de Antropologia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <http://ea.fflch.usp.br/conceito/gentrificacao>. ISSN: 2676-038X.

ARAÚJO, Leandro Costa Barros de. **Análise do mercado de transferência de jogadores de futebol no Brasil no período de 2013 a 2014**. 2017. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/62692>. Acesso em: 31 jan. 2025.

AZEVEDO, Núbia; MARQUES, Zeca. Matchday na Neo Química Arena: ressignificação e redimensionamento dos jogos do Corinthians. **FuLiA/UFMG**, Belo Horizonte, v. 6, n. 3, p.48-69, set.-dez. 2021. eISSN: 2526-4494. DOI: 10.35699/2526-4494.2021.36986.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. 1. ed. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1979.

BRASIL. Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941. Dispõe sobre a organização dos desportos em todo o país e cria o Conselho Nacional de Desportos (CND). **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, 19 abr. 1941.

BRASIL. Lei nº 12.299, de 27 de julho de 2010. Altera a Lei nº 10.671, de 15 de maio de 2003, que institui o Estatuto do Torcedor, para estabelecer novas disposições sobre segurança, proteção e direitos do torcedor. **Diário Oficial da União**, Brasília, 28 jul. 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12299.htm. Acesso em: 31 jan. 2025.

BRASIL. Lei nº 6.251, de 8 de outubro de 1975. Dispõe sobre a legislação relativa ao desporto e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 9 out. 1975.

BRASIL. Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998. Institui normas gerais sobre o desporto e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 25 mar. 1998. (Conhecida como Lei Pelé)

CASTRO, Demian Garcia. **O Maraca é nosso!** Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niteroi, 2016.

CAVALCANTI, Everton Albuquerque; SOUZA, Juliano de; CAPRARO, André Mendes. O fenômeno das torcidas organizadas de futebol no Brasil: elementos teóricos e bibliográficos. **Revista de Alesde. Asociación Latinoamericana de Estudios Socioculturales del Deporte**, Curitiba, v. 3, n. 1, abr. 2013, p. 39-51.

CAYO, Israel Campos. Geografizando o futebol: do global ao local. **Holos**, v. 3, p. 1-12, 2012. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/download/1333/685/4734>. Acesso em: 6 jan. 2025.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **Brasileirão Assaí 2023 bate recorde histórico de público na era dos pontos corridos**. 2023. Disponível em: <https://brasileirao.cbf.com.br/noticias-interna/noticias/64822>. Acesso em: 07 fev. 2025.

COSTA, Bernardo Antonio Azevedo Ferreira. **‘You’ll Never Walk Alone’: How the Hillsborough Tragedy Affected the City of Liverpool**. 2022. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura, Literatura e Línguas Modernas) – Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras, Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas, Coimbra, 2022. Orientadora: Prof.^a Dra. Jacinta Maria Cunha da Rosa Matos.

COUTINHO, Luciano; BELLUZZO, Luiz Gonzaga. “Financeirização” da riqueza, inflação de ativos e decisões de gasto em economias abertas. **Economia e Sociedade**, Campinas, n. 11, p. 137-150, dez. 1998.

CRUZ, Antonio Holzmeister Oswaldo. **A nova economia do futebol: uma análise do processo de modernização de alguns estádios brasileiros**. 2005. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2005. Orientador: José Sérgio Leite Lopes.

CURI, Martin. A disputa pelo legado em megaeventos esportivos no Brasil. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 19, n. 40, p. 65-88, jul./dez. 2013.

Disponível

em:

https://www.scielo.br/j/ha/a/B67n46VqMP9xn9kDn7MsDXp/?lang=pt&utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 15 dez. 2024.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. 1967. Disponível em: [http://www.terravista.pet/ilhadoMel](http://www.terraviva.net/ilhadoMel). Acesso em: 18 dez. 2024. Parafrazeado por

RAILTON SOUSA GUEDE, Coletivo Periferia

EBLING, João Carlos Souto. **O preço da elitização do futebol brasileiro**. Trabalho de conclusão de curso (Pós-graduação Lato Sensu em Jornalismo Esportivo) – Centro Universitário de Brasília, Instituto de CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento, Brasília, 2014.

EM CIMA DO LANCE. **Arena Fonte Nova inicia retirada de assentos do setor norte inferior**. 2023. Disponível em: <https://emcimadolance.com.br/arena-fonte-nova-inicia-retirada-de-assentos-do-setor-norte-inferior>. Acesso em: 11 jan. 2025.

FARIAS, Airton de. **Uma história das copas do mundo: futebol e sociedade**. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2014.

FERREIRA, Jonathan. **Mercantilização do futebol: o processo de difusão e financeirização da prática esportiva e as exportações de jogadores brasileiros**. 2018. Trabalho de Graduação (Bacharelado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2018. Orientador: Prof(a). Dr(a). Samuel Frederico.

FRANCO JUNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS. **Pesquisa FGV CPDOC traça perfil das torcidas organizadas do RJ e SP**. 2015. Disponível em: <https://portal.fgv.br/noticias/pesquisa-fgvcpdoc-traca-perfil-torcidas-organizadas-rj-e-sp>. Acesso em: 15 nov. 2024.

GAFFNEY, Christopher. As novas arenas alteram o comportamento do torcedor. Apublic.org, 23 ago. 2013. Disponível em: <https://apublic.org>. Acesso em: 16 jun. 2024.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Tradução de Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM, 1998.

GUARAGNA, Frederico Mandelli. **A gestão do marketing esportivo no futebol: Caso Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense**. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Administração, Departamento de Ciências Administrativas, Porto Alegre, 2005. Orientador: Prof. Dr. Roberto Lima Ruas.

GE. **Rumo à desarenização**: como as arenas do Brasil estão adotando mudanças vistas na Europa. 2023. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/noticia/2023/04/04/rumo-a-desarenizacao-como-as-arenas-do-brasil-estao-adotando-mudancas-vistas-na-europa.ghtml>. Acesso em: 11 jan. 2025.

GOV.BR. **Baú da política**: o futebol feminino já foi proibido no Brasil e a política tem tudo a ver com isso. Memórias Reveladas. Disponível em: <https://www.gov.br/memoriasreveladas/pt-br/assuntos/noticias/bau-da-politica-o-futebol-feminino-ja-foi-proibido-no-brasil-e-a-politica-tem-tudo-a-ver-com-isso>. Acesso em: 20 jan. 2025.

HORNBY, Nick. **Febre de bola**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. ISBN 9788535923018.

LOPES, Felipe Tavares Paes. Dimensões ideológicas do debate público acerca da violência no futebol brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 27, n. 4, p. 597-612, out.-dez. 2013.

MAGALHÃES, Lívia Gonçalves. **Histórias do futebol**. São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2010. 192 p. (Coleção Ensino & Memória, 1). ISBN 978-85-63443-01-4.,

MANIAUDET, Guilherme; SILVA, Leandro. Flamengo domina rankings de público e renda em 2024: Vasco x Palmeiras tem recorde de pagantes. **Globo Esporte**, 13 dez.

2024. Disponível em: <https://ge.globo.com/espiao-estatistico/noticia/2024/12/13/flamengo-domina-rankings-de-publico-e-renda-em-2024-vasco-x-palmeiras-tem-recorde-de-pagantes.ghtml>. Acesso em: 14 jan. 2025.

MASCARENHAS, Gilmar. O direito ao estádio. **Ludopédio**, 19 jul. 2021. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/o-direito-ao-estadio/?srsltid=AfmBOopkN4v9PsU4JLMG7wGWfIW3tzlitIKW2fSYZVvPOIsF1NzdZTo3>. Acesso em: 14 jan. 2025.

MASCARENHAS, Gilmar A. Várzeas, operários e futebol: uma outra geografia. **Geographia**, v. 7, n. 14, p. 85-106, 2005. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/download/13435/8635/0>. Acesso em: 13 jan. 2025.

MANDELLI, Mariana Carolina. **Allianz Parque e Rua Palestra Itália: práticas torcedoras em uma arena multiuso**. 2018. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

OLIVEIRA JÚNIOR, Ricardo César Gadelha de. **A reviravolta dos 'fanáticos': arenização, agenciamentos mercadológicos e novos movimentos políticos a partir do Sport Club Internacional**. 2017. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017

OLIVEIRA, Pedro Muxfeldt. **A modernização do futebol brasileiro: gentrificação e ataque à cultura torcedora**. 2015. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/5253/1/MOliveira.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2025.

PELEJA. **A treta que encerrou uma das maiores festas de rua do futebol**. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (03:44 min). Publicado pelo canal Peleja. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BM9kpgPwlCU>. Acesso em: 28 jan. 2025.

PEREIRA, José Luiz Portella. **O Allianz Parque na economia do futebol: do estádio-arquibancada ao estádio-show**. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciência Social) –

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

PESSANHA, Nathália Fernandes. **Nem Evas, nem Marias: as mulheres no futebol brasileiro (1941-1983)**. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2024. Orientadora: Lívia Gonçalves Magalhães.

PLURI CONSULTORIA. **Relatório Mensal: Renda e Ticket Médio – Julho 2023**. Disponível em: <https://www.plurisports.com.br/wp-content/uploads/2023/08/Relatorio-Mensal-Renda-e-Ticket-Medio-Jul23-Parte-II.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2025.

PRONI, Marcelo Weishaupt. **A metamorfose do futebol**. Campinas: Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, 2000.

PRONI, Marcelo Weishaupt. **Esporte-espetáculo e futebol-empresa**. Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. Orientador: Prof. Dr. Ademir Gebara. Campinas, 1998.

RAMPAZZO, Gil Fevorini. O fim da festa e da história: os efeitos da arenização nos estádios e arenas de futebol. **Avesso: Pensamento, Memória e Sociedade**, v. 2, n. 11, 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/avesso/article/view/53174/37686>. Acesso em: 12 dez. 2024.

REDE NOSSA SÃO PAULO. **Mapa da Desigualdade 2023: Mapa da Desigualdade ganha novo formato e agora traz a classificação dos 96 distritos de São Paulo**. 28 nov. 2023. Disponível em: <https://www.nossasaopaulo.org.br/2023/11/28/mapa-da-desigualdade-ganha-novo-formato-e-agora-traz-a-classificacao-dos-96-distritos-de-sao-paulo/>. Acesso em: 1 fev. 2025.

RIAL, Carmen. Porque todos os ‘rebeldes’ falam português? A circulação de jogadores brasileiros/sul-americanos na Europa, ontem e hoje. **Antropologia em Primeira Mão**, Florianópolis, v. 110, p. 1-22, 2009. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina.

SÁ, Luan de Jesus Scanferla. **O sportswashing como ferramenta de soft power no Golfo Pérsico: os casos de Arábia Saudita e Catar**. Trabalho de Conclusão de Curso

(Bacharelado em Comunicação Social – Jornalismo) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social, Niterói, 2023.

SANTOS, Irlan Simões da Cruz. **"O público que devemos abolir"**: A elitização do futebol brasileiro e as novas arenas. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo) – Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Comunicação Social, 2014. Orientadora: Profa. Dra. Verlane Aragão Santos.

SANTOS, Irlan Simões da Cruz. **Cientes versus Rebeldes**: novas culturas torcedoras nas arenas do futebol moderno. Rio de Janeiro: Multifoco, 2017.

SANTOS, João. **Gentrificação Turística e a Renovação do Centro Histórico de Coimbra**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Coimbra, 2019.

SILVA, Ana Paula da. **Pelé e o complexo de vira-latas**: Discursos sobre raça e modernidade. 2008. 229 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

SOCIEDADE ESPORTIVA PALMEIRAS. **Linha do tempo**: Fundação do Palestra Italia e primeiro título. Disponível em: <https://www.palmeiras.com.br/linha-do-tempo/1914-1920-fundacao-do-palestra-italia-e-primeiro-titulo/>. Acesso em: 24 jan. 2025.

SOCIEDADE ESPORTIVA PALMEIRAS. **Leila Pereira**. Disponível em: <https://www.palmeiras.com.br/presidentes/leila-pereira/>. Acesso em: 24 jan. 2025.

SOCIEDADE ESPORTIVA PALMEIRAS. **Leila Pereira assina termo de posse e inicia segundo mandato à frente do Palmeiras**. Disponível em: <https://www.palmeiras.com.br/noticias/leila-pereira-assina-termo-de-posse-e-inicia-segundo-mandato-a-frente-do-palmeiras/>. Acesso em: 24 jan. 2025.

TEIXEIRA, Arthur Rodolfo Alves. **Gentrificação e perda da identidade social no futebol**. 2017. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017. Orientador: Prof. Victor Hugo Godoy Nascimento.

TEMÓTEO, Luís Eduardo de Salles. **Análise comparada dos instrumentos jurídicos de repressão ao “hooliganismo” e de prevenção de conflitos em estádios de futebol no Brasil e no Reino Unido.** Dissertação (Mestrado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

UM DOIS ESPORTES. **Athletico faz mudanças em setor da torcida organizada na Arena da Baixada.** 2023. Disponível em: <https://www.umdoisesportes.com.br/athletico/athletico-faz-mudancas-em-setor-da-torcida-organizada-na-arena-da-baixada>. Acesso em: 14 jan. 2025.

VILELLA, Maria Luiza. Mulheres palmeirenses: práticas torcedoras e formas de resistência entre os diferentes espaços do torcer. **Revista Avesso: Pensamento, Memória e Sociedade**, v. 1, n. 21, p. 1-20, 2022. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/avesso/article/view/59801>. Acesso em: 10 jan. 2025.

WEBER, Max. **A ética protestante e o "espírito" do capitalismo.** Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. Revisão técnica, edição de texto, apresentação, glossário, correspondência vocabular e índice remissivo de Antônio Flávio Pierucci. 6. reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. Originalmente publicado em 1905.

ZANIRATO, R.; RIBEIRO, L. **Patrimônio cultural: conceitos, usos e conflitos.** [S.l.]: [s.n.], 2006. Disponível em: <https://publica.ciar.ufg.br/ebooks/patrimonio-direitos-culturais-e-cidadania/edicao1/cnt/modulo2/1-1.html>. Acesso em: 03 mar. 2025.